

Cadernos de Linguística

Nº 5

**O Português e o Alemão em contraste:
os localizadores primários e o Imperfeito/Präteritum**

Isabel Galhano Rodrigues

Unidade I&D nº 22/94

Centro de Linguística da Universidade do Porto



Nº 5

**O Português e o Alemão em contraste:
os localizadores primários e o Imperfeito/Präteritum**

Isabel Galhano Rodrigues

Centro de Linguística da Universidade do Porto
Rua do Campo Alegre, 1055 – 4150 Porto
Telefax: 351.2.6098271 email: cluporto@mail.telepac.pt

Localizadores primários no português e no alemão

Isabel Galhano Rodrigues

1. Introdução

"Nunca encontraremos o homem separado da linguagem e nunca o veremos inventando-a".

Émile Benveniste, *O homem na linguagem.*

"A língua, enquanto sistema formal, guarda em si as marcas da sua origem, que se confunde com a do homem. Origem remota e sempre actualizada, que se identifica com a situação de um homem face a outro homem, no centro do Mundo, no princípio e no fim do tempo, procurando, na ilusão da Palavra, remediar uma irremediável solidão".

Fernanda Irene Fonseca, *Vergílio Ferreira. A celebração da palavra.*

É ao dizer *eu* que eu sou eu. Assim se exprime Benveniste (1992:50), acrescentando que o *eu* não denomina nenhuma identidade, mas se refere apenas ao sujeito do discurso, ou seja, aponta para a origem do discurso. Bühler menciona a *origo*, a origem que está marcada pelo *eu-aqui-agora*, onde no acto de referência se forma um sistema de coordenadas, a partir do qual todo o contexto pode ser localizado. É na origem do *eu* que se marca a existência do *tu*; é na origem do *aqui* que todas as outras posições são localizadas; é na origem do *agora* que se comprehende o *ontem* e se pressupõe o *amanhã*. O *eu* mostra o que sou eu, o que és tu, o que não é o eu nem o tu; o *aqui* o que não está aí nem ali; o *agora* o que não foi ontem nem será amanhã. A estes elementos com a propriedade de "mostrar", Bühler atribui a designação de *deixis* (do grego δεῖξις), termo tradicionalmente utilizado para designar tipos de mostração (Bühler, 1978: 80).

Seria interessante, agora, questionarmo-nos sobre o comportamento da *deixis*, mais concretamente de diferentes sistemas dícticos em diferentes sistemas linguísticos, no que diz respeito ao aspecto humano. Como está expressa, em diferentes línguas, a relação estrutural entre o verbo e a pessoa? Que critérios estão subjacentes ao funcionamento da localização dos objectos referenciados em relação aos sujeitos do discurso? Será neles que mais subtilmente transparece uma cultura?

Não é para questões deste teor que procuro aqui uma resposta. Este trabalho é apenas uma pequena contribuição num campo muito restrito dos sistemas dícticos primários:

Apresentação

Realizados no âmbito do Curso de Mestrado em Linguística Portuguesa Descritiva (1995-96) e concebidos para as áreas de “Deixis e Teoria da Enunciação” e “Tempo e Texto Narrativo”, da Variante A daquele Curso, os artigos que se seguem não deixam de se orientar também por princípios e interesses da Linguística Contrastiva. Seguindo uma perspectiva bühleriana, que considera a relação entre o Homem e a língua e vê esta como um produto do primeiro - produto que reflecte as suas vivências e necessidades culturais -, são abordados e contrastados dois aspectos particulares das línguas portuguesa e alemã, a saber: o sistema dos localizadores primários e o funcionamento do Pretérito Imperfeito e do Präteritum.

Os dois tipos de questões analisadas prendem-se com outras tantas dimensões de ambas as línguas que já devem fazer parte dos conhecimentos de Português e de Alemão como língua estrangeira adquiridos, respectivamente, por aprendentes de um nível médio. Verifica-se, todavia, que, tanto no primeiro caso como no segundo, as correspondências entre os dois sistemas não são lineares. No que diz respeito aos localizadores primários, o Português apresenta um sistema ternário, enquanto o Alemão dispõe de um esquema binário; em relação aos dois sistemas de tempos verbais, constata-se que o Pretérito Imperfeito e o Präteritum comportam valores desiguais.

Através da descrição e da análise contrastiva destes dois aspectos, pretende a autora contribuir para a sistematização de correspondências e, consequentemente, para uma melhor explicação/compreensão do seu funcionamento. Estes resultados poderão ter utilidade prática para a tradução, nomeadamente para a tradução literária, onde a sensibilização para os efeitos estilísticos conseguidos dentro de cada um dos sistemas de língua pela selecção de determinados localizadores ou de diferentes tempos verbais é essencial e indispensável.

Porto, em Dezembro de 1998

António Franco

trata-se de um estudo realizado sobre dois sistemas de localizadores dícticos (*aqui*, *ai*, *ali* / *cá* - *lá*) da língua portuguesa e os sistemas correspondentes da língua alemã. A análise contrastiva assenta num corpus extraído da obra literária portuguesa *Até ao fim* de Vergílio Ferreira e da respectiva tradução alemã de Georg Rudolf Lind, a partir do qual procurei estabelecer as correspondências e divergências entre os sistemas primários de advérbios de lugar das línguas em questão.

2. Funcionamento da deixis

2.1 Deixis anafórica e deixis física

Como já referi, no acto de "mostrar", os elementos dícticos criam um sistema de coordenadas, no centro do qual se encontra o "eu", o sujeito do discurso, a partir do qual se criam mundos reais ou possíveis e o próprio referente. A este campo de referência formado por um sistema de coordenadas, por sua vez transportadas por um enunciado, Bühler atribui o nome de *campo mostrativo* (*Zeigfeld*). Este conjuga-se com o *campo simbólico*, criando o chamado *sistema de campo* (*Feldsystem*). Nesta teoria do campo duplo consideram-se assim valores conceptuais e valores de contexto. Relativamente à mostraçāo, Bühler concede grande importância à deixis *ad oculos*, física ou situacional, não deixando, contudo, de reconhecer outras formas mostrativas de diferente carácter: "*ich kann ad oculos demonstrieren und in der situationsfernen Rede dieselben Zeigwörter anaphorisch gebrauchen. Es gibt noch einen dritten Modus, den wir als Deixis am Phantasma charakterisieren werden. Phänomenologisch aber gilt der Satz daß der Zeigefinger, das natürliche Werkzeug der demonstratio ad oculos, zwar ersetzt wird durch andere Zeighilfen*".¹

Weinrich (entre outros), chama deixis textual a esta deixis anafórica (ou catafórica) (Cfr. Weinrich, 1993: 15). Analogamente à deixis física, a deixis textual cria um campo ou um espaço mental semelhante ao campo mostrativo situacional. Por sua vez, a *deixis am Phantasma*, também conhecida por deixis fictiva, permite evocar elementos ausentes que existem no conhecimento, memória, ou imaginação dos sujeitos do discurso.

Também Rauh (1984/a) explica o funcionamento da deixis e esclarece que uma das características comuns a todos os deícticos (pessoais, temporais e locais) é o facto de estabelecerem uma relação com um ponto de orientação egocêntrico: "... *unabhängig von dem Kontext, in dem sie verwendet werden, designieren z. B. temporaldeiktische Ausdrücke wie gestern oder morgen den Bezug zu einem egozentrischen temporalen Orientierungspunkt, lokaldeiktische Ausdrücke wie hier oder da den Bezug zu einem egozentrischen lokalen Orientierungspunkt und personendeiktische Ausdrücke wie du oder er den Bezug zu einem egozentrischen personalen Orientierungspunkt*"².

¹ Bühler, (1965) 1978: 150-1. Tradução: Posso demonstrar *ad oculos*, e no discurso distante do contexto utilizar anaforicamente as mesmas palavras mostrativas. Existe ainda um terceiro modo que caracterizaremos como deixis *am Phantasma*. Contudo, sob o ponto de vista fenomenológico, é válida a afirmação de que o dedo indicador, o instrumento natural da *demonstratio ad oculos*, é substituído por outros auxiliares mostrativos.

² *Ibidem*, 5. Tradução: independentemente do contexto em que são utilizadas, as expressões dícticas temporais como ontem ou amanhā, para dar um exemplo, designam a relação para com um ponto de orientação temporal egocêntrico;

São também de considerar as oposições que se estabelecem entre os elementos deícticos, relativamente aos respectivos pontos de orientação. Dentro de cada dimensão (pessoal, temporal e local) formam-se âmbitos que se comportam analogamente aos âmbitos da dimensão local. Sendo assim, verifica-se que a deixis é determinada não só por um aspecto egocentrista, mas também por outro localista.

Rauh analisa aspectos localistas em diversas línguas e verifica divergências nos critérios (egocêntrico-localistas) ao nível da dimensão local: existem aspectos comuns a todas as línguas e aspectos específicos de uma só língua. Para todas as línguas é relevante a posição do falante e o local de codificação ou enunciação; para algumas línguas é relevante também a posição do ouvinte; noutras, é a mesma expressão que determina o contexto próximo do falante e a posição do ouvinte. O critério relativo à aproximação ou afastamento da origem do discurso (local de codificação) é também comum a todas as línguas. Rauh conclui esta análise constatando a existência de três critérios egocêntrico-localistas de carácter universal para a distinção de âmbitos na dimensão díctica local (Cfr. Rauh, 1984/a: 7):

- a) local de codificação,
- b) em contacto com o local de codificação,
- c) sem contacto com o local de codificação.

Além destes, existem, como é natural, critérios menos gerais, específicos da língua.

Por sua vez, Vater (1992: 126) refere-se a dois tipos de relação de referência de lugar (*Ortsreferenz*): a posição de um objecto ou acontecimento em relação aos sujeitos do enunciado e o movimento de um objecto para um lugar (ou de um lugar). Outros meios linguísticos, além dos advérbios de lugar e frases preposicionais, são os verbos situativos ou direccionalis. Nesta abordagem não irei caracterizar as categorias “direccional” e “locativo”, visto não serem relevantes para a localização subjectiva do referente.

2.2. Deixis fictiva

Atendendo a que o corpus usado para este trabalho é constituído por textos de ficção, é conveniente mencionar as características essenciais da deixis fictiva. Weinrich refere-se à deixis fictiva como aquela em que “*reina a liberdade criadora*” (Weinrich, 1993/1 :16). Ao contrário da deixis *ad oculos*, física ou situacional, a deixis fictiva não está condicionada pelo contexto: “*trata-se para Bühler de uma forma de deixis que se refere a elementos ausentes, que só existem na memória ou na imaginação*” (Fonseca, 1992/a: 151).

Partindo do sistema de coordenadas do *eu-aqui-agora* é possível realizar uma transposição para um outro mundo com o seu *eu-aqui-agora* próprio. Como explica Fonseca, “*a mostraçāo linguística fictiva permite-nos surpreender, na sua génesis, o processo de projecção do texto fora de si mesmo sob a forma de mundo*” (*ibidem*). Sabe-se que no texto tudo o que é presente, tudo o que está aqui participa na enunciação, fazendo parte do mundo real. Evocando, porém, um passado no *presente*, um lugar desse passado

expressões dícticas de lugar como aqui ou “da” (ali / aí) designam a relação para com um ponto de orientação egocêntrico local e os dícticos pessoais, como tu e ele, a relação para com um ponto de orientação egocêntrico pessoal.

com um *aqui*, um enunciador pode participar nesse passado, como se fosse presente, vivendo-o. Assim se explicam transposições de planos reais e fictícios.

Daqui ressalta uma característica essencial da deixis: permintindo alterações de planos, ou estabelecendo oposições de tempos, lugares e pessoas, tece uma rede de interligações entre mundos reais e fictícios (passados, futuros ou imaginários).

3. Descrição dos localizadores primários no português e no alemão

"Olho o mar. Vejo-o até ao indeciso do seu limite, fechado concêntrico ao eu estar aqui. Há mais mar para lá, mas olhar para lá é estar fora de mim. Não estou. Agora não". Vergílio Ferreira, Até ao fim.

Os localizadores primários são palavras ou expressões pequenas, como *aqui*, *ai*, *ali*, *cá*, *lá*, *de cá*, *para lá*... que têm a capacidade de colocar as coisas nos sítios mais subtils do espaço da enunciação. Mesmo que outros elementos da frase apontem para a distância, o *aqui* e o *cá* aproximam as coisas do eu, o *ai*, do tu; por seu lado, o *lá* coloca os objectos indefinidamente distanciados, o *ali* afasta-os do eu e do tu. Estes advérbios de lugar constituem a referência local primária, que se caracteriza, pois, pela localização dos objectos no campo de referência em relação aos sujeitos do discurso.

3.1 A pessoa gramatical

Tendo em conta que os dícticos locais *aqui* / *ai* / *ali* se apoiam na pessoa gramatical, não podendo, pois, ser considerados independentemente dela, convém relembrar certas características mais relevantes no que diz respeito à noção de *pessoa gramatical*.

Para Carvalho³, “originada no discurso ou acto de fala, a P. [pessoa gramatical] é a representação linguística mostraativa dos sujeitos do discurso e de quaisquer objectos substantivos exteriores ao discurso, tomados como objectos de referência de mensagem. Quer aqueles, quer estes não são identificados como tais substâncias individuais, mas apenas na sua relação específica com o acto verbal: como seus actores e no papel que ai desempenham (de emissor e receptor, respectivamente) ou, pelo contrário, como objectos alheios a esse agir momentâneo. Se o objecto de referência coincide com o emissor, surge a 1^aP., se com o receptor, a 2^aP., se com um objecto distinto a ambos, a 3^aP.: eu, tu, ele”. Assim define Herculano de Carvalho o conceito de “pessoa”, e continua afirmando que a pessoa é a origem de toda a deixis e entra na estruturação dos pronomes demonstrativos e dos advérbios de lugar e tempo. Quanto às relações internas entre as pessoas, existem propriedades comuns às 1^a e 2^a pessoas (ou sujeitos do discursos), por se referirem sempre a pessoas (seres humanos) de um determinado tipo referencial (emissor e receptor), enquanto a 3^a pessoa “se refere virtualmente a uma infinidade de objectos, que só os contextos permitem identificar”.

³ Carvalho, Encyclopédia Luso-Brasileira de Cultura, vol. XIV, p.1893-4.

Também Weinrich (1993: 94) estabelece uma distinção semelhante entre as diferentes pessoas no discurso. Tomando a *função textual* dos dícticos como a primária, afirma que os papéis desempenhados pelos pronomes se revelam directa ou indirectamente a partir da situação de comunicação. Sendo assim, o pronome da 1^a pessoa tem o papel de falante (*Sprecher*), o da 2^a pessoa o de ouvinte (*Hörer*). Estas duas pessoas encontram-se em evidência comunicativa, não necessitando, por isso, de mais determinação. A 3^a pessoa, por sua vez, é considerada "o resto", que numa determinada situação pode significar tudo, excepto o falante e o ouvinte.

3.2 Localizadores primários do português

No artigo que serviu de base ao presente trabalho, Herculano de Carvalho (1976) descreve os sistemas localizadores dícticos primários, compostos por correspondências termo a termo entre séries de pronomes demonstrativos e advérbios de lugar, sob o ponto de vista da estrutura dos campos mostrativos e da localização sistemática dos referentes. O autor distingue dois tipos de sistemas - um ternário - o caso do português, e um binário como no inglês. Como indica o termo, o sistema ternário português (Σ_3) é composto por três séries:

- 1) L_3' - este / aqui
- 2) L_3'' - esse / aí
- 3) L_3''' - aquele / ali

1) *Está aqui este chapéu, disse eu.* (VF, Até ao fim, p. 145)

2) *Falei com o homem, ele disse-me
- Deve ser esse aí.* (VF, Até ao fim, p. 266)

3) *Aquela ali é a minha filha.*

AQUI - em L_3' , o objecto referenciado pelo pronome e localizado pelo advérbio de lugar é isotópico da 1^a pessoa (1) e heterotópico ou isotópico da 2^a pessoa (2). A questão da localização do objecto como isotópico ou heterotópico de 2 depende da subjectividade de 1. O conteúdo da palavra *aqui* não tem limites pré-estabelecidos. A isotopia pode ser considerada por 1 em grande escala - aqui em Portugal, aqui na Terra -, ou em pequena escala - aqui onde estou eu, aqui dentro de mim. No primeiro caso, *aqui* seria obviamente isotópico de 2.

AÍ - em L_3'' , o objecto referenciado é heterotópico de 1 e isotópico de 2. A subjectividade do locutor levou-o a excluir-se da localização isotópica com o objecto e com 2, marcando o seu afastamento e a aproximação do objecto com 2.

ALI - no terceiro caso (L_3'''), existe uma relação locativa heterotópica com os sujeitos do discurso, mas não com qualquer outro objecto previamente identificado. *Aquele ali* encontra-se afastado de 1 e 2, mas não se sabe qual é a sua localização relativamente a 3. Para tal, será necessário uma especificação através de um grupo preposicional: aquele ali ao pé do armário / aquela ali atrás da porta / do outro lado da rua. Assim, L_3''' é um localizador no sentido negativo (*ibidem*, 249) porque aponta para um lugar que não é ocupado por 1 nem 2 e coloca 3 distante desses. Destas relações de isotopia e heterotopia, 1 ressalta como o centro de origem das mesmas e, por conseguinte, das relações recíprocas: há um localizador que é necessariamente isotópico de 1; a 1^a pessoa é o sujeito activo do discurso, o centro de toda a estrutura pessoal; é a 1^a pessoa que gera o campo mostrativo (cf. Bühler, (1965) 1978: 79-148), repartindo-o simultaneamente em dois âmbitos (Carvalho, 1976: 252):

- o âmbito A, cujos membros são os sujeitos do discurso, onde se localizam pessoas;
- o âmbito B, externo, cujos membros são objectos, não-pessoas, onde se localiza tudo o que não é sujeito do discurso.

Pretendo ainda abordar aqui um outro sistema de localizadores adverbiais também referido por Carvalho: trata-se da série binária *cá - lá*. Esta série baseia-se noutras critérios além daquele que tem em vista a localização do referente relativamente a 1 (e 2). *Cá - lá* mostram, como sistema binário, relações do mesmo tipo de *here-there* em inglês:

CÁ é isotópico de 1, isotópico ou heterotópico de 2;
LÁ é heterotópico de 1, isotópico ou heterotópico de 2 .

Ao contrário de *aqui - aí - ali*, que localizam somente a situação do objecto relativamente a 1 (e 2) - *aqui, onde eu estou; aí onde tu estás; ali, onde eu não estou -*, *cá / lá* evocam implicitamente a existência de um outro, distinto do objecto dado.

Segundo o autor, *cá* e *lá* implicam, não só a existência de 1 e do referente, mas também a existência de outro membro da oposição - *cá onde eu estou e tu não estás; lá, onde alguém está, ou onde tu estás e eu não estou* (cfr. *ibidem*, 256-260). Poder-se-ia assim afirmar que, quando se evoca um *cá*, se implica a existência de um *lá* e vice-versa. O valor referencial de *cá* e *lá* depende da subjectividade do falante no acto de determinação ou limitação prévia dos âmbitos interno e externo. *Cá* refere-se sempre ao âmbito do falante, em contraste com a área externa. *Lá* refere-se sempre ao âmbito externo, em contraste com o âmbito do falante. Além disso, *cá / lá* são menos específicos do que *aqui / aí / ali*, pois têm um significado temático - apontam para um lugar que já tinha sido identificado no contexto verbal e que 2 tem presente.

Para uma possível delimitação das áreas, recorre-se frequentemente a ligações com outros advérbios e grupos adverbiais. Em muitos destes casos, não se trata apenas de uma localização locativa, mas sim direccional:

(4) - *E fecha a porta, que vem frio lá do mar.* (VF, Até ao fim, p.19)

O tipo de mostração que cada uma destas séries de localizadores permite é diferente. Carvalho considera como função primária do primeiro sistema (*aqui / ai / ali*) a mostração *ad oculos*, ou mostração física. Contudo, pode igualmente ser utilizado na mostração *anafórica*. Por sua vez, o sistema binário *cá / lá* não é adequado para a mostração física. Na sua opinião, o primeiro tipo de deixis é mais forte, mais eficaz do que o segundo, por ser independente do contexto verbal (Carvalho, 1976: 264).

Cá / lá podem, porém, realizar uma mostração física através de combinações com outros advérbios ou frases preposicionais (*ibidem*, 258):

(5) - *Já vieram, diz ela lá para dentro.* (VF, Até ao fim, p.16)

(6) - *Eu demorei-me ainda cá fora, junto à Sé, Oriana podia talvez aparecer a uma janela.* (VF, Até ao fim, p. 85)

Quando usados anaforicamente, os dois sistemas não determinam nem delimitam áreas. Têm como característica secundária a indeterminação:

(7) - *Há um limite da lógica, há um limite da aceitação. Para lá tudo é possível admitir-se. É onde a suma inteligência convive com a suma estupidez - estarei ai? Onde o homem se renega e tem outra vez o curandeiro - estarei lá?* (VF, Até ao fim, p. 53)

Note-se, neste exemplo, o efeito alcançado por este oscilar entre as anáforas *lá* e *ai*. Deste modo nos é transmitida a incerteza e a vaguidade desta afirmação, desta tentativa de localização do aceitável e o inaceitável, da fronteira entre o comprehensível e o incomprehensível.

3.3 Localizadores primários do alemão

No caso da língua alemã, estamos perante um sistema que apresenta outros tipos de correspondências com os advérbios de lugar. Veja-se, primeiro de tudo, o tipo de pronomes demonstrativos existentes em alemão:

DER / DIE / DAS - estes pronomes têm um carácter fortemente referencial, ou mostrativo, sem significado específico. Podem ser utilizados simplesmente como atributos. Weinrich designa estes pronomes por “*Referenz-Pronomina*” (Weinrich, 1993 380-385). Bühler atribui a estas formas um valor mostrativo elevado, devendo até ser acompanhados de um gesto (*Der-Geste*): “daß (...) in dem Gesamtausdruck *der ist es gewesen* die Fingergeste unentbehrlich ist...”⁴.

DIESER / DIESE / DIESES - assim como *der-die-das*, têm um carácter fortemente mostrativo, sendo contudo na escrita mais claro, por não se confundir com formas idênticas (como é o caso do artigo definido). No uso anafórico, Engel (1988:535) atribui-lhes uma

⁴ Bühler, (1965) 1978: 92. Tradução: que na expressão completa "foi esse", o gesto com o dedo é imprescindível.

função de conexão textual, visto apontarem para algo situado perto. O significado de *dieser* resume-se na seguinte definição de Vuillaume: "*dies - signale l'existence, dans l'environnement (spacial, temporel, discursif) immédiat de son occurrence, d'informations permettant l'identification de son référent*" (Vuillaume, 1986: 307).

Sendo assim, poder-se-ia concluir que estes dois tipos de pronome encontram a sua correspondência no demonstrativo português *este*.

JENER / JENE / JENES - apontam para algo mais afastado. O significado essencial de *jener* exprime-se sobretudo em contraste com *dieser*. Neste caso, *dieser* aponta para algo situado (temporal ou localmente) perto, *jener* para algo afastado. Aqui a medida absoluta da distância é subjectiva e variável (*ibidem*, 536). Bühler afirma que estas palavras mostram, por um lado, algo mais distante, por outro, algo para além de uma fronteira existente entre a pessoa "que mostra" e aquilo "que é mostrado" (Bühler, 1978: 101). Por sinal, o uso anafórico de *jener* é o que se encontra mais claramente definido: "*Der anaphorische und amnestische Gebrauch von 'jener' ist vielleicht noch am klarsten umrissen; da entspricht es ungefähr dem lateinischen ille und deutet auf etwas, was nicht unmittelbar präsent, aber wie ein psychoanalytischer Komplex an der Schwelle meines Bewusstseines lauert*" (*ibidem*)⁵. Vuillaume (1986: 309) propõe para *jener* uma definição simétrica da de *dieser*: "*jen- signale l'existence, hors de l'environnement (spatial, temporel, discursif) immédiat de son occurrence, d'information permettant l'identification du référent*". Weinrich refere-se também aos dois demonstrativos *diese* / *jener*, realçando o contraste (e não oposição) existente entre eles. No caso de uso anafórico em texto, *jener* deve entender-se como instrução de recodificação e instrução (de colocação) afastada, por vezes até de distanciamento: "*Wir beschreiben dieses Spezifikum mit dem Merkmal <FERNE>, die Rekodierung liegt ferner*" (Weinrich, 1993: 446)⁶. Por seu lado, *dieser* aponta para um ponto do texto mais próximo.

A falta de uma correspondência no alemão para o pronome *esse*, ou, melhor, para a forma latina *iste*, é uma questão que já foi abordada por Brugmann (1904)⁷. De facto, existe no alemão uma diversidade de meios indirectos de localizar um objecto no âmbito do tu, do ouvinte, mas não existe, como no caso de *este-aqui*, um "momento directo" (*ibidem*, 96). Brugmann explica este fenómeno pelo facto de o valor contido em *iste* ter sido transferido para *der*: é o díctico *der* que, partindo em linha recta do falante na direcção daquilo que ele visiona, sem distinção de longe ou perto, atinge o ouvinte, caso o falante esteja virado para ele (Brugmann, 1904: 74). Por sua vez, Bühler é, naturalmente, de opinião que a formação deste pronome em algumas línguas indoeuropeias não se trata de um acaso histórico, mas sim de um fenómeno psicológico lógico (Bühler, 1978: 99).

Na deixis textual, Weinrich (1993: 373-380) distingue, em relação aos pronomes, diferentes graus de especificidade, sendo aqueles que são usados com função remática mais específicos do que aqueles que têm função temática. Os pronomes de referência remática, ao

⁵ Tradução: O uso anafórico e anamnéstico de "jener" é talvez o que ainda se encontra mais claramente definido; corresponde aí aproximadamente ao latim *ille* e aponta para algo que não está directamente presente, mas que, como um complexo psicanalítico, se encontra latente à entrada do meu consciente.

⁶ Tradução: Descrevemos esta característica com o traço <distanciamento>, a recodificação encontra-se mais afastada.

⁷ Brugmann, 1904: 10. "*Im Lateinischen scheint das iste-Wort präzis auf den gegenwärtigen Partner bezogen ...*" citado em Bühler, 1978: 82-102. Tradução: Em latim a palavra *iste* parece referir-se com precisão ao parceiro presente.

contrário dos de referência temática, permitem a ligação com advérbios posicionais - *da* / *hier* / *dort*: *der da*, *die hier*, *das dort*, etc.. Weinrich caracteriza *da* / *hier* / *dort* como advérbios posicionais (de lugar) simples (*ibidem*, 557-563):

DA - designa a posição da "diade comunicativa", i. e. os sujeitos do discurso na sua configuração local. Indica apenas a situação, implicando a *neutralidade* entre as posições do falante e do ouvinte. O elemento *da* tem a conotação "estar presente" (*dasein*). Pode surgir acompanhado do pronome de referência *der*: "*Kennst du eigentlich den da?*" (*ibidem*, 558). Sendo assim, a sua classificação em termos de isotopia ou heterotopia não tem relevância. Weinrich designa-o por advérbio de situação. Emprega-se como predicativo, e é susceptível de formar com os verbos copulativos um verbo composto (*zweiteiliges Verb*). Pode ser utilizado na mostração anaforica.

HIER - situa o enunciado no âmbito do falante. É possível o ouvinte ser abrangido pela localização, só que é irrelevante para a determinação da posição. Brugmann comenta a propósito de *hier* que o falante chama a atenção do ouvinte para si, para o seu território: "*sieh her auf mich oder auf das, was mein Wahrnehmungsobjekt ist*".⁸ Temos aqui um caso idêntico a L3!. *Hier* pode ser usado anaforicamente.

DORT - designa, em primeiro lugar, a posição da referência, fora do âmbito do falante e do ouvinte - heterotópico de 1 e 2. Weinrich considera que, nesta configuração, as posições de 1 e 2 estão próximas⁹. Neste caso, poder-se-ia estabelecer uma correspondência com a forma portuguesa *ali*. No entanto, no caso de separação espacial, por exemplo numa conversa telefónica, a posição do ouvinte pode ser determinada por *dort* (*ibidem*, 562) - o que corresponderia então a *ai*. Não existe uma localização distinta das posições de 1 e 2 relativamente ao referente, quando este se encontra afastado de 1. Pode também ser usado como anáfora.

Segundo Bühler, *da* e *dort* podem ser utilizados ocasionalmente para expressar uma certa oposição: *da* - aquilo que posso alcançar; *dort* - aquilo que não está ao meu alcance. Deve-se, no entanto, recordar que a maior parte dos falantes nativos da língua alemã não fazem a distinção entre o uso de *da* e *dort*: ambos referem objectos que se encontram afastados do falante, contrastando assim com *hier*.

Neste sentido, o sistema alemão primário é constituído por *dieser-hier* / *jener-dort*, com as seguintes variações, caso se pretenda dar mais valor à referenciação, *der-hier*, *der-dort*, *der-da*. Talvez se pudesse considerar um sistema binário constituído por *dieser-hier* / *jener-dort*, havendo, além destas, outras formas pronominais, de carácter fortemente referencial (*der*, *die*, *das*), e a forma adverbial *da*, de carácter posicional neutro.

⁸ Brugmann, 1904: 10. Tradução: Olha cá para mim ou para aquilo que é o meu objecto de percepção.

⁹ Weinrich, 1993: 562: "*In der Blickstellung ist damit die Hörer-Position in der Regel ebenfalls ausgeschlossen, da in dieser Konfiguration die beiden Positionen des Sprechers und des Hörers nahe beieinander liegen*". Tradução: Nesta perspectiva a posição do ouvinte também está excluída do campo de visão porque, nesta configuração, as posições do falante e do ouvinte se encontram próximas uma da outra.

Constata-se, assim, uma certa oscilação nas correspondências termo a termo entre os pronomes demonstrativos e os advérbios de lugar primários:

dieser hier		jener dort
der hier		der dort
		der da

Daquilo que foi apresentado ressalta que para o caso do alemão são válidos os critérios gerais considerados por Rauh:

- a) local de codificação,
- b) em contacto com o local de codificação,
- c) sem contacto com o local de codificação.

Herculano de Carvalho refere que os sistemas binários que seguem os critérios acima mencionados são elementares, não só por serem os mais frequentes, "but also, because it shows more strongly the prevalence of the speaker, the "active" subject of discourse, with the consequent reduction of the "passive" subject to just another person or object, on the same level as those outside the "ambitus" of discourse" (Carvalho, 1976: 264).

Poder-se-á, pois, concluir que o realce do sujeito activo é uma manifestação de uma característica primária comum ao homem - o egocentrismo, a localização do eu destacada de tudo o resto, no centro do mundo? Se assim for, estamos perante uma das marcas do homem deixadas na língua.

4. Análise do corpus

Como já referi, recorri neste trabalho a um *corpus* literário (original português e tradução em alemão) no intuito de encontrar as correspondências que o tradutor entende que existem entre as duas línguas. Uma investigação no campo da tradução permite, além disso, analisar outros meios utilizados pelo tradutor para superar faltas de correspondências nas duas línguas.

Visto tratar-se de uma análise contrastiva, não considero aqui as características da narrativa; limito-me apenas a mencionar aspectos de teor emocional ou subjectivo no que diz respeito à localização dos objectos no campo mostrativo.

4.1 AQUI - isotópico de 1 / isotópico ou heterotópico de 2

1)

- Cláudio!
 - Sim. Estou aqui.
- (VF, Até ao fim, p. 54)

1')

- Cláudio!
 - Ja doch. Ich bin hier.
- (trad., p. 53)

Bühler refere-se às diferentes respostas que obtêm as perguntas "*onde estás?*" (*aqui*) e "*quem é?*" (*eu*), sendo de opinião que a origem da *hic-Deixis* reside na proveniência do som, enquanto a origem da *der-Deixis* está no gesto de apontar (Bühler, 1978: 91-92). Este exemplo ilustra-o.

2)

- Está aqui este chapéu, disse eu.*
(VF, Até ao fim, p. 145)

2')

- Hier liegt dieser Hut, sagte ich.*
(trad., p. 156)

Neste exemplo poder-se-ia considerar a localização isotópica a 1 e 2.

3)

- Fala aqui de ti.
- (VF, Até ao fim, p.141)

3')

- Hier kommt sie auf dich zu sprechen.*
(trad., p.152)

Aqui refere-se, neste exemplo, a uma carta. Entenda-se: esta carta que está aqui na minha mão, ao pé de mim.

4)

- Sim, ele veio ai, esse menino rabugento. Mas ele já devia saber que o seu lugar não é aqui.*
(VF, Até ao fim, p. 209)

4')

- Jawohl, er war hier, der impertinente Bengel. Aber er wußte ja doch wohl, daß sein Platz hier nicht ist.*
(trad., p.226)

Aqui, em minha casa, no meu sítio, onde eu vivo, onde eu estou, de onde quero excluir esse menino¹⁰.

5)

- Penso o futuro no absoluto de estar aqui?*
- (VF, Até ao fim, p. 269)

5')

- Ich denke eingebendet in meine Er schöpfung, an die Zukunft, doch was besagt schon Zukunft angesichts des Absoluten meines Hierseins?*
(trad., p. 297)

Estar aqui, estar sobre a terra, neste sítio, estar no mundo. Foi traduzido por um substantivo.

10 Cfr. ex. 28) - cá, mais convencionalizado com o significado de "em minha casa".

Conclusão: os exemplos 1) - 5) confirmam a correspondência entre *aqui* e *hier*.

4.2 Aí - heterotópico de 1 / isotópico de 2

- | | |
|---|---|
| 6)
<i>Falei com o homem, ele disse-me
- Deve ser esse aí.
(VF, Até ao fim, p. 266)</i> | 6')
<i>Ich sprach mit dem Manne, er sagte zu mir
- Es wird wohl der dort sein.
(trad., p. 293)</i> |
|---|---|

Aí onde tu estás - isotópico de 2, heterotópico de 1, que não quer compartilhar a localização do objecto. Subjectivamente o falante (fictício) inclui 2 nessa localização. Na tradução, o localizador *dort* refere tanto a isotopia de 2 e heterotopia de 1, como a heterotopia relativamente a 1 e 2. No entanto o contexto indica que o segundo caso está fora de questão.

- | | |
|--|---|
| 7)
<i>Estou tão só. Mas existe a glória
e o prodígio de tu estares aí.
(VF, Até ao fim, p. 189)</i> | 7')
<i>Ich bin so allein. Doch das grosse Wunder
ist, daß du wieder hier bist.
(trad., p. 205)</i> |
|--|---|

Aí - isotópico de 2, heterotópico de 1. *Aí* mostra o afastamento existente entre 1 e 2. Na tradução, este afastamento não transparece; pelo contrário, *hier* aponta para uma aproximação, um sentimento de estar perto. O tradutor teve de se decidir entre *hier* e *dort / da*. *Dort* corresponderia mais ao *aí*, longe do âmbito de 1. Por outro lado, *da* (*dasein*) transmite simultaneamente um significado de “existir”, “estar presente”, o que não é o caso no texto, visto a pessoa estar morta.

- | | |
|---|--|
| 8)
<i>E a tua imagem aí - é bom.
(VF, Até ao fim, p. 33)</i> | 8')
<i>Und dort dein Bild finden, das ist gut.
(trad., p. 29)</i> |
|---|--|

Aí - dort, onde tu estás. Eu não estou aí. Mais uma vez, afastamento. O tradutor fez uma opção de tradução idêntica àquela do exemplo 6).

- | | |
|---|---|
| 9)
<i>- É um caso excepcional.
- Eu vou aí.
(VF, Até ao fim, p. 244)</i> | 9')
<i>- Das ist ein Sonderfall.
- Ich komme zu Ihnen.
(trad., p. 266)</i> |
|---|---|

Diálogo ao telefone. *Aí* - localização do alocutário. Traduzido por uma outra expressão com significado idêntico (*zu Ihnen* - para o sítio onde você está).

- 10)
Você aí em Lisboa... O silêncio aqui é intrínseco ao lugar, um silêncio original.
 (VF, Até ao fim, p. 138)

- 10')
Sie dort in Lissabon... dort in Lissabon können diese Stille nicht mal auf dem Prazeres- Friedhof finden. Die Stille gehört hier zum Ort. (trad., p. 148)

Este exemplo representa o texto de uma carta; nota-se aqui o contraste entre o *aí - dort*, onde tu estás (isotópico de 2), e o *aqui - hier*, onde eu estou (isotópico de 1). Como nos exemplos 6) e 8), na tradução a isotopia de 2 está marcada pelo contexto.

- 11)
- Espera aí.
 (VF, Até ao fim, p. 16)

- 11')
Warte hier!
 (trad., p. 11)

Na minha opinião, "espera aí", o lugar onde tu estás e eu não estou, contrasta com "espera aqui" (*warte hier*), um lugar onde tu estás e eu também estou. A tradução implicou uma maior aproximação do lugar referido com 1¹¹.

- 12)
Era uma fotografia antiga e eu também estava lá. Era um grupo, talvez no Jardim Botânico - foi aí que te conheci?
 (VF, Até ao fim, p. 49)

- 12')
*Es war eine alte Fotografie und auch ich war da abgebildet.
 Es war ein Gruppenfoto, vielleicht im Botanischen Garten aufgenommen - war es dort, wo ich dich kennengelernt habe?*
 (trad., p. 47)

Ao utilizar *lá* para localizar o sítio da fotografia, o autor (1^a pessoa) define logo dois âmbitos: aquele em que ele se situa e aquele em que ele não está. Depois de esse *lá* ter sido identificado como o Jardim Botânico, a referência anafórico-textual é realizada através de *aí*. Podemos agora levantar a questão, sobre a preferência dada a *aí* e não a *aqui*, ou a *lá*? Talvez porque através de *aí* o falante situa 2 (Oriana, representada na fotografia) no Jardim Botânico e pode dialogar com ela. No alemão essa dupla função não é possível, *dort* assume somente uma função anafórica.

- 13)
*há adiante o desvio para Sintra,
 devo cortar aí.*
 (VF, Até ao fim, p. 260)

- 13')
etwas weiter vorn die Abzweigung nach Sintra, dort muß ich abbiegen.
 (trad., p. 286)

¹¹ "Espera aí" pode também ter um significado idêntico a "espera lá", em que "lá" é uma partícula modal. Neste caso, a partir do contexto pode-se verificar que não é o aspecto modal, mas sim o aspecto locativo que predomina.

Uma situação típica de uso anafórico de deixis *am Phantasma*. Segue-se um percurso na memória, evoca-se e localiza-se um objecto (o desvio), volta-se a referir esse objecto localizando aí a posição de um sujeito. O mesmo sucede nas frases 14) – 15).

14)
*Toquei para o rés-do-chão, era aí,
 mas ninguém abriu a porta.*
 (VF, *Até ao fim*, p. 241)

15)
... também à esquerda, é aí.
 (VF, *Até ao fim*, p. 130)

14')
*Ich klingelte im Erdgeschoß, da war es,
 aber niemand machte auf.*
 (trad., p. 263)

15')
... ebenfalls links, dort ist es.
 (trad., p. 140)

Conclusão: Atendendo a que o sistema alemão de localizadores dícticos explicita a isotopia de 2 e heterotopia de 1 e cria apenas uma relação de afastamento entre o objecto referenciado e a 1ª pessoa, a isotopia (ou heterotopia) de 2 é marcada pelo contexto. O localizador mais usado na tradução foi *dort*.

4.3 ALI - heterotópico de 1 e 2

16)
*Às vezes eu ia por uma rua e via um
 tipo, as pessoas diziam olha ali vai
 Hermes ou o Ares e iam à sua vida.*
 (VF, *Até ao fim*, p. 187)

16')
*Zuweilen ging ich durch eine Straße und
 sah einen Kerl und die Leute sagten:
 schau mal, da geht Hermes oder Ares, und
 sie gingen ihren Geschäften nach.*
 (trad., p. 203)

Neste uso convencionalizado de “ir ali” existe para o alemão a forma “da gehen”. Heterotópico de 1 e 2.

17)
*E algum tempo depois, em marcha
 mais lenta cautelosa, a ponte de ferro
 sobre o rio e toda a cidade aberda do
 lado de lá.
 E de novo o pânico no ventre, o
 cérebro bloqueado, sem uma ideia.
 Mesmo aquela que ali me traz, a
 fixidez, a suspensão, o combóio sus-
 penso sobre o abismo.*
 (VF, *Até ao fim*, p. 54)

17')
 (...)
*Und von neuem die Panik im Inneren,
 das Gehirn blockiert, ohne einen Ge-
 danken. Selbst ohne denjenigen, der
 mich hierher geführt hat, die fixe Idee,
 die Spannung, der über dem Abgrund
 schwebende Zug.* (trad., p. 53)

Na expressão *trazer* (para cá - estação) *ali* (longe de mim) existe uma certa contradição e distância que não transparecem na tradução alemã: *führen* (conduzir) *hierher* (para aqui). *Ali* transmite uma ideia mais forte distância, afastamento, de perdido no mundo, longe de tudo e de todos. De facto, este localizador permite que a 1ª pessoa se desdobre em dois planos: naquele em que de facto se encontra – ao pé do filho morto – e outro, situado num passado longínquo. Este efeito não existe na tradução alemã.

18)

Não é que eu tivesse muito a conversar com o meu filho, que dorme ali no caixão.
(VF, Até ao fim, p. 11)

18')

Nicht, daß ich so viel mit meinem Sohn zu bereden hätte, der dort in seinem Sarge schläft. (trad., p. 5)

Ali exprime o grande distanciamento da 1ª pessoa de tudo o resto. Através da referência com *ali*, o referente é posto à distância: torna-se um simples objecto “morto” (o que de facto corresponde à verdade) afastado de todos.

19)

Mas estou todo cheio da presença de Oriana como motivo de haver espectáculo, e eu ali.
(VF, Até ao fim, p. 35)

19')

Doch ich bin ganz erfüllt von Orianas Gegenwart als Ursache für die Feier, und ich bin dabei.
(trad., 31)

A expressão *dabei sein* significa a participação do sujeito no contexto, a sua participação numa festa. Porém, não é isso que está implícito em *ali*. Sabe-se, a partir do contexto, que os pensamentos de 1 estavam com Oriana, ele não participava na festa. É essa não-participação, esse alheamento que transparece em *ali*. Analogamente ao exemplo 21), existe aqui uma mistura de planos: o narrador ora participa na narrativa (através do presente do verbo), ora se exclui, marcando a distância com o advérbio de lugar (*ali*). É o fenómeno da *presentificação*, que Fonseca comenta do seguinte modo: “é o presente o centro da irradiação narrativa (e emotiva): é a emoção presente que provoca a emergência do passado e que, em última análise, faz existir esse passado” (Fonseca, 1992/b: 71-72). Um caso semelhante na seguinte frase:

20)

Há uma praça de taxis ali perto, fomos num.
(VF, Até ao fim, p. 56)

20')

Ein Taxistand ist in der Nähe, ich steige ein.
(trad., p. 56)

O tradutor recorreu (em 20) a uma expressão localizadora mais indeterminada: “na proximidade”, em vez de “*ali perto*”. “in der Nähe” apena refere um local que é perto de outro, não localizado; “*ali perto*” localiza um local distante de 1 e de 2 e, relativamente a este, localiza outro na proximidade do primeiro. O texto alemão não realiza a primeira localização relativamente a 1 e a 2, sendo assim mais indeterminado.

- 21) *Até que inesperadamente parou - - era ali? Era ali.*
 (VF, Até ao fim, p. 54-5)
- 21') *Bis er unverhofft anhielt - war es dort?*
Ja, es war dort.
 (trad., p. 54)

Conclusão: Como no caso de *ai* é a partir do contexto que no texto alemão se define a heterotopia de 2 e de 1. Devido à existência da diferenciação referencial criada por *ai* e *ali* no sistema português, o *ali* já por si marca um maior distanciamento, enquanto no texto alemão a definição desse distanciamento relativamente às pessoas nos é dada apenas pelo contexto.

4.4 Cá - isotópico de 1, contrastando com um âmbito exterior (lá)

Ao mesmo tempo que marca o contraste entre os dois âmbitos, *cá* pode comportar valores mais ou menos precisos.

- 22) *... E então digo - cá está.*
 (VF, Até ao fim, p. 141)
- 22') *Und dann sage ich mir - hier ist es.*
 (trad., p. 152)

No exemplo 22) *cá* marca indefinidamente o sítio onde estou. Nos exemplos 23) e 24), pelo contrário, indica com precisão o lugar no âmbito de 1:

- 23) *- Pode jantar cá? Despois estudamos um pouco.*
 (VF, Até ao fim, p. 205)
- 23') *- Kann sie bei uns zu Abend essen?*
Dann studieren wir noch ein bisschen zusammen.
 (trad., p. 221)
- 24) *- Não pode cá dormir!*
 (VF, Até ao fim, p. 194)
- 24') *Hier kannst du nicht schlafen.*
 (trad., p. 208)

Cá, em nossa casa. Expressão convencionalizada, com o correspondente alemão *bei* + *Pronome Pessoal*. O tradutor recorreu no mesmo caso (26 e 27) a duas formas diferentes (*hier* / *bei uns*).

- 25) *Era uma sala silenciosa, tinha ao meio uma divisória sofisticada. Do lado de cá ficava eu, do lado de lá Miguel e os técnicos da perfeição.*
 (VF, Até ao fim, p. 245)
- 25') *Der Raum war still, in seiner Mitte befand sich eine ausgeklügelte Trennlinie. Auf der hiesigen Seite war ich, auf der anderen Miguel und die Techniker der Vollkommenheit.*
 (trad., 267)

Cá / lá (espaço numa sala) indica aqui o contraste - mais uma vez a distância que separa Miguel do seu pai.

26)

*É a primeira vez que vem a Lisboa?
Sim, minha Senhora. E vai-se demorar por cá? Agora vai ficar cá sempre.* (VF, Até ao fim, p. 150)

26')

*Kommen Sie zum ersten Mal nach Lissabon? Jawohl, Senhora.
Und werden Sie hierbleiben? Jetzt wird sie für immer hierbleiben, ...*
(trad., p. 161-2)

Cá (Lisboa), a cidade onde 1 mora, o seu âmbito, em contraste com o âmbito exterior de 2, que é de outro lugar.

27) (carta)

Estava cá o leitor de Português que vai agora a Roma (...) tenho andado a ver se cá está ... não sei se está.

*Vieram cá já vários especialistas ...
Não sei se vocês aí souberam que quem esteve aqui foi*
(VF, Até ao fim, p. 149)

27')

Hier war noch ein anderer Lektor für Portugiesisch (...) bin herumgegangen, um zu sehen, ob es nicht doch da ist...

Es sind schon Spezialisten hier gewesen. Ich weiß nicht, ob ihr davon erfahren habt, daß (...) ihn hier besucht hat. (trad., p. 139)

Cá, em oposição ao âmbito exterior daqueles que lêem a carta e sinônimo de *aqui*.

28)

A mania que tens de explicar. Não estou cá para responder.
(VF, Até ao fim, p. 193)

28')

Diese ewige Manie alles erklären zu müssen. Ich habe keine Lust, darauf etwas zu antworten. (trad., p. 207)

Este exemplo está sujeito a duas interpretações: por um lado, na expressão “*não estou cá para responder*” o valor local de *cá* parece estar perdido a favor de uma maior acentuação da dimensão modal. Por outro lado, atendendo ao contexto, em que 1 é um morto, *cá* mantém a sua importância também a nível loca. Sendo assim, congrega dois valores: um local e outro modal. O tradutor optou pelo segundo. A tradução (*Ich habe keine Lust ... zu antworten = não me apetece responder*) sacrificou o outro valor.

29)

Os adultos, (...) inventaram a sua moral e instituíram mesmo que os filhos deviam ficar gratos a vida inteira aos pais por os terem posto cá. Que lata.
(VF, Até ao fim, p. 78)

29')

Ihr Erwachsenen (...) habt die Moral erfunden und sogar festgelegt, dass die Kinder ein ganzes Leben lang ihren Eltern dankbar sein müssen, weil sie sie in die Welt gesetzt haben. Was für eine Anmassung!

(trad., p. 80)

Cá significa claramente "o mundo", traduzido na expressão "*in die Welt setzen*" (pôr no mundo, dar à luz).

Conclusão: estes exemplos mostram a correspondência entre *cá* e *hier*.

4.5 LÁ - heterotópico de 1, contrastando com o âmbito interior (cá)

30)

Depois volto à sala, tenho lá o lugar reservado à minha presidência.
(VF, Até ao fim, p. 120)

30')

Dann gehe ich ins Wohnzimmer zurück, dort ist ein Vorzugsplatz für mich reserviert. (trad., p. 126)

Lá, um lugar indefinido na sala, localizado num âmbito exterior àquele onde se encontra 1 no momento da enunciação. Nos exemplos 33-37, *lá* foi traduzido por *dort*:

31)

Nunca fui à Quinta das Lágrimas que anda tanto nos livros mesmo ilustres, fui lá depois de sair da cidade, porque quando lá voltei então tinha de ir.
(VF, Até ao fim, p. 185)

31')

Dort war ich auch nie in der "Quinta das Lágrimas", (...) ich bin dort erst hingegangen, als ich bereits aus der Stadt fortgegangen war, als ich dann noch einmal wiederkam, mußte ich hingehen.
(trad., 200)

32)

E quando chegamos à Encruzilhada já lá está o Martinho à minha espera.
(VF, Até ao fim, p. 15)

32')

Und als wir nach Encruzilhada kommen, steht dort schon Martinho und wartet auf mich. (trad., p. 9)

33)

Tenho pressa de chegar e todavia não tenho. Está lá à espera a palavra do destino e ela fascina e aterra.
(VF, Até ao fim, p. 89)

33')

Ich habe es eilig, dorthin zu gelangen, und dann auch wieder nicht. Denn dort wartet das Schicksalswort auf uns und fasziniert und erschreckt. (trad., p. 91)

34)

Há uma pequena colina em frente e a fracção da cidade que sobe até lá. "Santa Clara, Santa Clara, a teus pés corre o Mondego",...
(VF, Até ao fim, p. 31)

34')

Vor mir erhebt sich der kleine Hügel und der Ausschnitt der Stadt, die bis dorthin aufsteigt. "Santa Clara, Santa Clara, zu deinen Füssen fliesst der Mondego"...
(trad., p. 28)

Como se verifica, em todos estes exemplos o local foi previamente identificado. O *lá* localiza, pois, algo já conhecido por 2. O mesmo na frase 35:

- 35) *Miguel vinha comigo, mas estava lá um bombeiro cheio de autoridade de bombeiro, não deixou.*
(VF, Até ao fim, p.98)
- 35') *Miguel war bei mir, doch da stand ein Feuerwehrmann voller feuerwehrmännlicher Autorität, er liess das nicht zu.*
(trad., p.101)

- 36) *Eu ia lá todos os dias mas ela não aprovava.*
(VF, Até ao fim, p. 44)
- 36') *Ich besuchte sie jeden Tag, aber sie hatte das nicht gern.*
(trad., p. 41)

“*ir lá*”, ao hospital, foi traduzido pelo verbo “*besuchen*” (= visitar), de significação mais precisa. Aqui a tradução é interpretativa.

- 37) *Então uma vez eu disse-lhe lá em Portugal há muito que se não sabe o que é a justiça. E tu sabes? disse-me ele. E pergunta para cá, resposta para lá, às tantas eu estava enrodilhada (...)*
(VF, Até ao fim, p. 188)
- 37') *Und einmal sagte ich zu ihm: In Portugal weiss man schon seit langem nicht mehr, was Gerechtigkeit ist. Weißt du es denn? Und Frage hin, Antwort her, irgendwann hatte er mich ganz eingesponnen (...)*
(trad., p. 203)

O contraste *cá / lá* define âmbitos mais restritos (eu-tu), embora sempre de carácter ilimitado - para *lá*, em direcção a 2, para *cá*, em direcção a 1. Os elementos *hin / her* utilizam-se no alemão para traduzir estas perspectivas direcccionais (Cf. Weinrich, 1993: 564-565).

- 38) *Inventava as palavras e a gente acabava por ter de meter lá as coisas mesmo que lá não coubessem.*
(VF, Até ao fim, p. 188)
- 38') *Er erfand die Worte, und man mußte die Dinge da hineinstecken, selbst wenn sie dort gar keinen Platz fanden.*
(trad., p. 203)

Lá, nas palavras, localização (anafórica) indefinida. E, nas próximas frases, *lá* surge sempre com o sentido de lugar indeterminado e longínquo, quase de morte, contrastando com *cá*, a vida, que ainda temos de viver:

- 39) *A gente quando muito sabe só para que lados fica o saber, Cláudio. E a gente vai*
- 39') *Dabei weiss man höchstens auf welcher Seite das Wissen zu holen ist, Claudio.*

para lá como os reis magos.
(VF, Até ao fim, p. 140)

40)

- *Estás lá, no limite da vida, no limite de todos os limites. Imóvel no espaço, é assim.* (VF, Até ao fim, p. 27)

41)

E o rumor intenso do mar... Ouço-o da distância, procuro-o entre as últimas estrelas, está lá.
(VF, Até ao fim, p. 129)

42)

Explicar-te que para lá de tudo estava a vida e isso é que era tudo.
(VF, Até ao fim, p. 267)

“Para lá” foi traduzido por “*über allem*” (acima de tudo), o que não transmite a mesma orientação do espaço, embora também seja imenso.

43)

Caminhamos devagar, a areia range sob os pés, caminhamos para o infinito. É longe, na distância de nós. E para lá.
(VF, Até ao fim, p. 134)

Und dort zieht man hin wie die heiligen drei Könige... (trad., p. 150)

40')

Nun bist du auf einmal da, an der Grenze des Lebens, an der Grenze aller Grenzen.
(trad., p. 18)

41')

Ich vernehme es aus der Entfernung, ich suche es unter den letzten Gestirnen, dort liegt es.
(trad., p. 139)

42')

Dir zu erklären, daß über allem das Leben und daß eben dies alles ist.
(trad., p. 295)

43')

Wir schreiten langsam, unter unseren Füssen knirscht der Sand, wir wandern ins Unendliche. Es liegt in der Ferne, in weitem Abstand. Und eben dorthin.
(trad., p. 146)

O infinito para onde se movem 1 e 2 não é localizável. É ainda para lá de toda a distância que os separa, uma localização na imensidão do espaço infinito. Chamo aqui a atenção para o predomínio de *lá* (entre os elementos analisados) nesta obra, onde o leitor é constantemente obrigado a mover-se em espaços oscilantes entre a vida e a morte.

Conclusão: os localizadores alemães que foram usados para traduzir *lá* são idênticos aos que foram utilizados na tradução de *aí* e *ali*.

5. Conclusão final

Deste contraste resulta que a um sistema ternário no português corresponde, com já vimos, um sistema misto no alemão.

Para os elementos *aqui* e *cá*, encontramos em alemão a correspondência *hier*.

Para a série *esse* - *ai*, não existe correspondência idêntica no alemão. O tradutor viu-se obrigado a escolher entre *hier*, *da* e *dort*. Para localizar em alemão um objecto no âmbito de 2, evidenciando a relação próxima entre 2 e o referente, é necessário recorrer a *da* e (ou) a outros meios linguísticos.

No caso de *ali*, a escolha variou entre *da* e *dort*. Por sua vez, *lá* foi, na maioria dos casos, traduzido por *dort*.

Sobressai aqui o papel relevante dos elementos dícticos, que, em traduções, nem sempre são considerados com o devido cuidado. Como se pôde verificar, nestas poucas frases o tradutor nem sempre conseguiu obter os mesmos valores contidos nos dícticos portugueses.

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile (1992) *O homem na linguagem*. Lisboa, Vega.
- BÜHLER, Karl (1965) 1978 *Sprachtheorie*. Frankfurt, Ullstein.
- BRUGMANN, Karl (1904) "Die Demonstrativpronomina der indogermanischen Sprachen, eine bedeutungsgeschichtliche Untersuchung", in: *Sächsische Abhandlungen XXII*, No. 6.
- CARVALHO, J. H. (1976) "Systems of deitics in Portuguese", in: Schmidt-Radelfeldt, J. (ed.), *Readings in Portuguese Linguistics*, Amsterdam, North-Holland Publishing Company, pp. 245-266.
- ENGEL, Ulrich (1988) *Deutsche Grammatik*. Heidelberg, Julius Groos Verlag.
- FONSECA, Fernanda I.(1992/a) *Deixis, Tempo e Narração*. Porto, Fundação Eng. António de Almeida.
- (1992/b) *Vergílio Ferreira: A Celebração da Palavra*. Coimbra, Almedina.

- FRINGS, Th. (1948) *Grundlegung einer Geschichte der deutschen Sprache*. Halle, Saale.
- GRIMM, J. (1880) *Geschichte der deutschen Sprache*. Leipzig.
- HUMBOLDT, Wilhelm v. (1910) *Über das vergleichende Sprachstudium in Beziehung auf die verschiedenen Epochen der Sprachentwicklung*. Leipzig.
- RAUH, G. (1984/a) *Aspekte der Deixis I: Deiktische Determination*. Trier, L.A.U.T.
- (1984/b) *Aspekte der Deixis II: Dimensionen und die Verwendung deiktischer Ausdrücke*. Trier, L.A.U.T.
- VATER, Heiz (1992) *Einführung in die Textlinguistik*. München, Wilhelm Fink Verlag.
- VOSSLER, Karl (1925) *Geist und Kultur der Sprache*. Heidelberg.
- VUILLAUME, M. (1986) "Les démonstratifs allemands DIES- et JEN-. Remarques sur les rapports entre démonstratifs et embrayeurs", in: *Actes du Colloque international de Linguistique organisée par la Faculté de Lettres et Sciences Humaines de Metz. Centre d'analyse syntaxique*". Org. J. David et G. Keiber. Metz, pp. 299-315.
- WEINRICH, Harald (1993) "Análise textual dos demonstrativos em Português", in: Schmidt-Radefeldt, J. (ed.), *Semiótica portuguesa e romântica*. Tübingen, Gunter Narr, pp. 15-23.
- (1993) *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim, Duden Verlag.
- WITTGENSTEIN, L.(1953) *Philosophische Untersuchungen*. (Philosophical Investigations), G.E. M. Anscombe / R. Rhees, (eds.), Oxford.
- CORPUS:**
- Vergílio Ferreira, *Até ao fim*. Lisboa, Bertrand, 1992^a
- Vergílio Ferreira, *Bis zum Ende*. Aus dem Portugiesischen übersetzt von Georg Rudolf Lind. Zürich, Ammann, 1987.

O pretérito imperfeito português e o Präteritum alemão

Isabel Galhano Rodrigues

"Não sei o antes e o depois porque na memória tudo é ao mesmo tempo"

Vergílio Ferreira, *Até ao Fim*.

1. Introdução

Inerente ao homem, a língua reflecte a necessidade comunicativa de expressar o que está presente e o que está ausente. É de facto, através da linguagem que um falante pode referir outros momentos (o *não-agora*), outras pessoas (o *não-eu* e o *não-tu*), outros lugares (o *não-aqui* e o *não-aí*) que se encontram registados na sua memória. Ao evocá-los, o falante transpõe-se para fora do momento de enunciação e estabelece marcos de referência, cuja significação é determinada na sua relação com as coordenadas zero do *eu-aqui-agora*. Este fenómeno implica que a localização do "antes" e do "depois" só pode ser concretizada a partir do "eu", ou seja, do momento de enunciação.

Analogamente à deixis, os tempos verbais operam na transposição para outros planos, apontando para um espaço vivido, imaginário ou presente, ou para um espaço que poderá vir a ser vivido. Não têm, pois, como função principal indicar o tempo, mas sim lançar as coordenadas que criam a dimensão espacial onde se inter-relacionam os processos, ramificando-se em relação aos marcos de referência estabelecidos.

Neste sentido, a noção de tempo linguístico não pode ser considerada um dispositivo de medida cronológica, mas o reflexo de uma necessidade do homem, o produto de uma vivência, a sua marca cultural expressa na linguagem. Como refere Fonseca (1992: 176), "*A temporalidade tal com está expressa na língua não é decalcável sobre um espaço físico tridimensional e simétrico, mas sobre o «espaço» linguístico, um espaço antropológico de natureza deictica que tem como centro dinâmico a posição face a face de dois sujeitos que partilham não só o que é acessível à sua visão (aos seus sentidos, em geral), mas também o que é acessível à sua memória e imaginação. Presente, passado e futuro não existem senão como perspectivas assumidas por um sujeito falante a partir do momento em que está ou de um momento em que imagina estar.*"

Seguindo esta linha de pensamento, proponho-me a contrastar o funcionamento do pretérito imperfeito português e do Präteritum alemão no tipo de enunciação narrativa. Analisarei também o pretérito perfeito na sua relação de oposição e complementaridade com o imperfeito, o que implica a abordagem do Perfekt alemão. Para melhor exemplificar as semelhanças e diferenças entre os dois sistemas, recorri a um *corpus* constituído por algumas linhas da obra literária *Até ao Fim* de Vergílio Ferreira e à respectiva tradução para o alemão de Georg Rudolf Lind. Mas antes focarei alguns aspectos teóricos referidos

por Benveniste (1966), F.I.Fonseca (1992) e Weinrich (1973, 1993) relativamente à função dos tempos verbais como operadores deíticos.

2. Os tempos verbais como operadores dícticos

2.1 Subsistema actual vs. inactual

Fonseca acentua as três principais funções dos tempos verbais com base na distinção bühleriana dos três tipos de deixis (1992: 184):

- função indicial ou exofórica - os tempos verbais situam os processos em relação ao marco de referência constituído pelo *agora* da enunciação;
- função anafórica ou endofórica - os tempos verbais situam os processos relativamente a um marco de referência textual;
- função de transposição fictiva - os tempos verbais situam os processos relativamente a um marco de referência imaginário.

A estas funções correspondem dois subsistemas verbais relativos a dois planos de referência, nomeadamente o subsistema actual e o inactual¹². O subsistema actual (formado por pretérito, presente e futuro) está centrado no presente e possibilita uma perspectiva localizada no momento de enunciação zero, constituído pelo “agora”, a partir do qual se pode referir um momento passado ou um futuro. O subsistema inactual (constituído por mais-que-perfeito, imperfeito e condicional) permite uma perspectiva relativa a um momento de enunciação transposto, funcionando de um modo idêntico à deixis anafórica e fictiva. Está centrado no imperfeito e caracteriza-se pela presença de valores modais, uma consequência da referenciação indireta, i. e. das possíveis transposições relativamente às coordenadas zero da enunciação.

2.2 Os tempos verbais como indicadores do tipo enunciativo

Operando na transposição do marco de referência, os tempos verbais funcionam simultaneamente como indicadores do tipo enunciativo (*ibidem*, 209-228). Este facto foi referido por Benveniste que, com base na divisão do sistema verbal francês em dois subsistemas, considerou dois planos de enunciação distintos - *histoire* (constituído por "aoriste", "imparfait" e "plus-que-parfait") e *discours* (constituído por "présent", "futur" e "parfait" (Benveniste, 1966: 237-250). Criticando alguns aspectos referidos por Benveniste, nomeadamente o tratamento insuficiente dado ao "passé simple" e ao "passé composé",

¹² Foi a partir de Benveniste e Jakobson que os tempos verbais começaram a ser estudados relativamente à sua função referencial na perspectiva da enunciação. Fonseca trata detalhadamente o aspecto referencial dos tempos verbais salientando o paralelismo funcional existente entre os elementos dícticos e os tempos verbais. Cfr. Fonseca, 1992: 191 segs.

Weinrich considera igualmente dois subsistemas verbais, um pertencente à “*besprochene Welt*” (mundo falado, ou mundo do discurso), o outro à “*erzählte Welt*” (mundo narrado, ou mundo da narração). Para o autor os tempos verbais são inteiramente responsáveis pelo tipo enunciativo que, por sua vez, não corresponde às modalidades de comunicação oral e escrita: “*La frontière structurelle entre les deux groupes de temps passe donc au milieu de la langue écrite, comme de la langue parlée*” (Weinrich, 1973: 62).

Com base no que foi dito anteriormente, os dois tipos de enunciação em português (cfr. Fonseca, 1992: 204-206) e alemão (cfr. Weinrich, 1993: 198 segs.) são constituídos respectivamente pelos seguintes tempos verbais:

	MUNDO DO DISCURSO	MUNDO DA NARRAÇÃO
português:	perfeito presente futuro	mais-que-perfeito imperfeito condicional
alemão:	Perfekt Präsens Futur	Plusquamperfekt Präteritum

Convém focar um outro aspecto ligado à enunciação, a saber, o papel representado pelo “tu”, salientado por Weinrich. Partindo de uma perspectiva pragmática da comunicação, o autor considera não só o papel do falante (eu), mas também o do ouvinte (tu), sendo o modo de enunciação (expresso através dos tempos verbais) que determina o tipo de atitude tomada pelos interlocutores. Sendo assim, não devemos menosprezar o facto de que existe uma interrelação entre o tipo enunciativo e a adaptação do ouvinte à situação de comunicação: os tempos do “mundo do discurso” colocam o ouvinte numa posição de <BEREITSCHAFT>, prontidão para agir, intervir, comentar, ou seja, tomar a vez; pelo contrário, os tempos do “mundo da narração” provocam no ouvinte uma atitude de <AUFSCHUB>, adiamento, em que este, percebendo que o falante vai “contar” algo, toma uma atitude de espera e não intervém (Weinrich, 1993: 219-230). Na opinião do autor, a problemática do tempo verbal é uma diferença linguístico-antropológica e não cronológica, tendo os tempos verbais a função de indicar um determinado tipo de enunciação.

3. O imperfeito e o perfeito no sistema de tempos verbais português

3.1 Valores do imperfeito português

Classificado como operador de transposição de marco de referência, o imperfeito pode ser entendido como marca temporal do passado, marca modal do irreal e marca textual do modo de enunciação narrativo (cfr. Fonseca, 1992: 198-199; Le Gofic, 1986: 56) ¹³.

O valor temporal de passado é possível quando o imperfeito se encontra numa relação de oposição e complementaridade com o perfeito. Por si só, o imperfeito é considerado um "não-passado" com a função de realizar uma ancoragem que lhe permite criar uma dimensão espacial transposta. Para ter um valor de passado, é necessário que, através do perfeito ou de outra expressão de tempo (adverbial de tempo, data, etc.), seja estabelecido um marco de referência temporal.

Como marcação modal do irreal, manifesta-se no alargamento da transposição fictícia até ao presente em enunciados como:

Tenho tanta fome que comia um restaurante inteiro!

ou em brincadeiras infantis:

Eu era o polícia e tu eras o ladrão.

No modo de enunciação narrativa é o tempo verbal que permite referenciar factos imaginários:

Era uma vez uma menina que gostava muito de brincar com bonecas...,

ou vividos no passado:

estava um frio de rachar e o meu casaco não era muito quente...,

localizados através do pretérito perfeito:

Quando estive em Londres...

Como já referi, na narrativa o imperfeito toma um valor de passado. Este facto levou Fonseca a considerar a existência de um paralelismo e assimetria entre o subsistema actual e o inactual, que elucida através do seguinte esquema (Fonseca, 1992: 206):

Perf.	Pres.	Fut.
MQP	Imp.	Cond.

¹³ Por modo de enunciação narrativa entendo, no sentido de Weinrich, a enunciação oral e escrita.

Sendo assim, a estrutura temporal da enunciação narrativa assenta na correlação entre o pretérito perfeito, responsável pela localização no passado, e o pretérito imperfeito, o tempo central da narração, o não-passado, com o qual se articulam os outros tempos, responsável pela transposição para um espaço contra-factual.

Le Goffic justifica o emprego do imperfeito na narração pelo facto de este ter um sentido de "certo": "*D'où l'impression de force, de sincérité, de "vécu", de ce passé fictif: on réécrit le passé, on énonce ce qui, véridiquement, pouvait (devait, allait) être*" (Le Goffic, 1986: 66).

De facto, a ficção é uma imitação da evocação de momentos vividos e localiza-se convencionalmente no passado. Neste sentido, o tratamento dado aos factos vividos e à ficção é semelhante, pois tanto o "locutor-narrador" como o "locutor ficcional" transpõem marcos de referência “*para uma situação ausente, que pode ser um futuro possível, um passado real ou um irreal imaginário indiferente ao tempo*” (Fonseca, 1992: 219).

Por sua vez, a frase hipotética ficcional, criando uma outra dimensão espacial, constrói uma representação análoga à representação construída pelo discurso ficcional. Assim sendo, os discursos narrativo, fictivo e hipotético recebem tratamentos idênticos.

3.2 Pretérito Imperfeito vs. Pretérito Perfeito

A oposição entre perfeito e imperfeito tem sido frequentemente tratada sob o ponto de vista aspectual, que atribui ao primeiro um valor perfectivo e ao segundo um valor imperfectivo. Porém a expressão do aspecto, não sendo aqui considerada a função principal destes dois tempos verbais, representa uma característica que parece estar interligada com as respectivas funções de "passado" e "transposição". Na verdade, a imperfectividade não permite uma abordagem do acabado, mas sim do inacabado, do enquadramento sem tempo, sem começo nem fim. Esta característica de referir uma extensão inacabada, típica do presente, levou até muitos linguistas a ver no imperfeito um "presente do passado". Como refere Le Goffic (1986: 59), o imperfeito não pode reproduzir o avançar do tempo. É necessário um perfeito para marcar neste enquadramento os sucessivos processos que serão vistos na perspectiva do plano criado.

Por sua vez Weinrich rejeita a teoria do aspecto por se inscrever num quadro demasiado estreito e porque "*les déroulements et les phases des procès varient d'un verbe à autre*" (1973: 108). Tomando como objecto de investigação a língua francesa, o autor considera "*les mise en relief la seule et unique fonction de l'opposition entre l'Imparfait et Passé simple dans le monde racconté*" (*ibidem*, 117). Neste sentido, o imperfeito, chamado "*le temps de l'arrière plan*", indica que o mundo vai ser "narrado" e convida o leitor (ou ouvinte) a penetrar nesse universo desconhecido; o *passé simple*, "*le temps du premier plan*", permite "discursar" dentro desse mundo. Assim, na narração, o imperfeito está destinado às descrições, reflexões e a tudo o que o autor queira transportar para o pano de fundo (*ibidem*, 114-115).

A relação de oposição e complementaridade entre imperfeito e perfeito será mais explicitamente abordada sob 5. deste trabalho.

4. O lugar do Präteritum no sistema dos tempos verbais alemão

Rementendo para o que foi dito anteriormente, também na língua alemã o Präteritum é descrito como o tempo da expressão narrativa. Encontra-se em oposição binária com o presente, o centro temporal do discurso, marcando uma perspectiva de tempo neutra¹⁴.

As predicações realizadas no Präteritum caracterizam, numa enunciação narrativa, ou melhor, no “mundo da narração”, um enquadramento ou um cenário (Hintergrund) cuja validade não está directamente à disposição de um ouvinte numa situação de comunicação, isto é, está enquadrada num plano a que o ouvinte não tem acesso directo. Há contudo predicações do “mundo do discurso” em que é corrente o recurso ao Präteritum com a função de passado que, substituindo o Perfekt, tem a finalidade de reduzir a complexidade de uma frase. São os casos de predicações com verbos copulativos,

<i>Gestern war ich krank</i>	em vez de	<i>Gestern bin ich krank gewesen</i>
------------------------------	-----------	--------------------------------------

da predicação com o verbo *haben*,

<i>Er hatte Hunger!</i>	em vez de	<i>Er hatte Hunger gehabt.</i>
-------------------------	-----------	--------------------------------

e da predicação com verbo modal + infinitivo:

<i>Er mußte rausgehen</i>	em vez de	<i>Er hat rausgehen müssen.</i>
---------------------------	-----------	---------------------------------

Nos restantes casos, as predicações do Präteritum são tipicamente uma marca do tipo de discurso narrativo.

Segundo Weinrich, a diferença entre o Präteritum na sua função de referir o passado e o Perfekt reside no tipo de evocação que cada um realiza, implicando tipos enunciativos diferentes. O Präteritum transporta um cenário passado para a enunciação; o Perfekt introduz uma quantidade de informação registada na memória na situação de comunicação. Tem a qualidade de cingir os processos num só ponto, ou de limitar os estados, enquanto o Präteritum traduz uma continuidade narrativa.

Numa situação de comunicação o Perfekt articula o “mundo do discurso” com o “mundo da narração”, i. e., transporta a comunicação para outras coordenadas onde a continuidade narrativa é dada pelo Präteritum. Neste sentido o Perfekt não acentua a linha de separação entre o passado e o presente, mas introduz o passado numa situação de comunicação (cfr. Weinrich, 1993: 219-225). Estas funções estão interligadas com a atitude tomada pelo ouvinte perante um enunciado no Präteritum ou no Perfekt, referidas em 2.2.

¹⁴ Weinrich atribui ao Präsens e ao Präteritum a propriedade de expressar uma perspectiva de tempo neutra, ao contrário dos outros tempos verbais, que estabelecem relações de anterioridade e de posterioridade. Cfr. Weinrich, 1993: 208 segs.

5. Perfeito / Imperfeito vs. Perfekt / Präteritum

Atendendo aos modos de comportamento dos tempos verbais descritos nos parágrafos antecedentes, poder-se-ia admitir a existência de um paralelismo entre Perfekt/Präteritum e perfeito/imperfeito, nomeadamente no que diz respeito aos valores aspectuais brevemente focados e à sua função de marcar o tipo enunciativo do discurso. No entanto, constata-se que no "discurso contado" alemão não está presente o mesmo "jogo" de efeitos das relações de oposição e complementaridade que o perfeito e o imperfeito são capazes de criar. Além disso, verifica-se que o Präteritum permite o encadeamento de processos, marcando um avançar no tempo, enquanto no português os diversos processos expressos no imperfeito não surgem como uma sequência, mas como cenários simultâneos que podem ser compartilhados num determinado nível de enunciação.

Numa abordagem contrastiva dos tempos verbais alemães e portugueses, Irmel (1975: 72) considera o Perfekt e o Präteritum idênticos na sua função de perfeito lógico e de perfeito histórico, sendo o Präteritum o tempo exclusivo da literatura narrativa: "*Diese Doppelfunktion bringt es mit sich, daß NORMALERWEISE die einfache Form des Deutschen die erzählende Literatur beherrscht, während die zusammengesetzte Form in der gesprochenen Sprache (Dialog, Brief, Erlebnisbericht, usw.) beheimatet ist*"¹⁵. O pretérito português reúne estas duas funções e tanto pode ser utilizado no discurso oral, como na narrativa, em complementaridade e oposição com o imperfeito. No português a expressão do aspecto é, segundo Irmel, obrigatoria dada a existência de elementos verbais que o exprimem. Na língua alemã, visto o encadeamento de acontecimentos e o cenário serem expressos no Präteritum, a expressão do aspecto cabe ao contexto frásico. Desta falta de correspondência podem resultar problemas de ordem estilística, pois numa tradução do português para o alemão, o tradutor dispõe na língua de chegada de um só tempo verbal para traduzir os dois pretéritos da língua de partida. O autor verifica aí a alteração de valores expressivos, sem contudo haver perda de valores informativos. Para compensar a expressão aspectual "perdida" o alemão dispõe de muitos outros meios, como, por exemplo, de inúmeras partículas modais (mais frequentes do que no português no discurso escrito), advérbios e verbos modais.

Embora Irmel considere não haver diferença de valor aspectual entre Präteritum e Perfekt, é necessário ter em conta os valores que implicam o emprego desigual destes dois tempos e que podem ser compreendidos a nível enunciativo.

¹⁵ Tradução: Esta função dupla faz com que, normalmente, a forma simples do alemão domine a literatura narrativa, enquanto a forma composta se encontre na língua falada (diálogo, cartas, descrições de experiências vividas).

6. Descrição do emprego do presente / imperfeito / perfeito a partir do *corpus*

O *corpus* desta análise é constituído por um texto extraído do romance de Vergílio Ferreira intitulado *Até ao fim*¹⁶. Desenvolve-se ao longo de um monólogo, numa reflexão de um pai sobre a própria vida, durante o velório do filho morto. Os pontos de articulação entre as diferentes orientações dadas à reflexão monológica são marcados por fases de diálogo fictício entre pai e filho. Também em alguns pontos desta revivência do passado se encontram fases de discurso indirecto livre, tipo de enunciação ficcional que torna o passado presente, actual, uma estratégia que aproxima o leitor dos planos transpostos, a fim de que este participe no desenrolar dos acontecimentos e nos estados emocionais criados.

Assim, este texto reproduz o real através da imitação da "língua falada", caracterizada parte pelo "mundo do discurso", parte pelo "mundo da narração". A constante ramificação dos planos de enunciação através da variação dos tempos verbais e o efeito de confusão de planos passados com planos presentes, que o autor gera através do recurso a jogos de tempos verbais, parecem reflectir por um lado a profundidade e o encadeamento dos factos da vida, por outro a simultaneidade das recordações enquanto situadas na memória - aí, como refere Vergílio Ferreira, não há *antes* nem *depois*¹⁷. Na verdade, os vários "então" que o contexto permite localizar num determinado passado são por vezes tratados na perspectiva do "agora" "con-fundindo- -se" com ele.

O momento de enunciação correspondente às coordenadas do "eu-aqui-agora" (T0)¹⁸ é marcado pelo presente. Uma característica do discurso fictivo na primeira pessoa é estas coordenadas serem transpostas para outro "eu", para outros "aqui" e "agora", as coordenadas zero na perspectiva do locutor (o pai). E são estas coordenadas, localizadas no espaço de tempo correspondente ao velório, que designo aqui por coordenadas de enunciação (T0). O início do texto que constitui o *corpus* situa-se já a um nível referencial transposto (T1), um momento recordado em que o locutor conversa com a irmã de Oriana e relembra a existência de uma fotografia.

O autor aproxima esse "então" do "agora" recorrendo ao presente. Dessa dimensão (T1) o locutor transpõe-se para outros passados. "*Quando foi?*" - este enunciado localiza o momento no passado (T3), em oposição com os presentes T0 (*tenho, suponho*) e T1 (*é, reconheço-me*). Do nível de enunciação (T1) o locutor transporta-se para outra dimensão (T3), o momento em que alguém tirou a fotografia no Jardim Botânico. O imperfeito inicia uma narração, uma descrição do cenário, do pano de fundo de (T3) (*devia, via-se-lhe, eras, olhava-te, ouvia*). O perfeito (*tomei-a - A/18*)¹⁹ coloca em relevo um momento localizado num passado mais recente (T2). Os sucessivos processos que marcam o avançar do tempo nesse mesmo plano referencial são descritos no perfeito (*levei, disse, resmoneou, insisti, fui, paguei, deixei, puxei, guardei, cheguei*), em complementaridade com o imperfeito que narra o discurso indirecto livre (*queria, havia, queria*), conferindo à situação de diálogo um carácter "vivido". O presente (*é - A/98*) actualiza ainda mais essa situação, tornando-a real.

¹⁶ Vergílio Ferreira, *Até ao fim*, págs. 81-85. Ver anexo.

¹⁷ Cfr. Epígrafe.

¹⁸ Ver esquema da página a seguir.

¹⁹ Ver anexo

Passa-se de novo a um cenário de fundo através do imperfeito (*florescia*) que, em complementaridade com o presente, descreve um momento sem tempo, sem princípio nem fim, um estado emocional que paira no ar.

Dessa emoção o locutor salta de novo para a actualidade, as coordenadas de enunciação zero (*tenho, estou*) que se encontram numa relação de oposição com tudo o que pertence ao passado e que “*comoveu*” (A/48) o locutor. O pretérito abrange a anterioridade até esse momento em (T2).

Em seguida regressa a (T2) através de “*cheguei*”. A distância entre aquilo que o comovera e o presente vai-se encurtando à medida que as recordações são avivadas ou revividas, até que esse momento se torna presente e se confunde com (T0) (A/51/ *tiro, ilumina-se, sinto-me, escondo, fecho, fica, vejo-a, está, temo, meto*). Esta sucessão de processos no presente não marca o avançar no tempo, mas parece fixar uma dimensão onde são evocados processos sem limitação temporal.

Em “*amei*” (B/7) há um medir de emoções passadas a partir de um plano de enunciação (T2) que, por sua vez, pode confundir-se com (T0).

Os pensamentos do locutor ficam presos à imagem, ao dia em que a fotografia tinha sido tirada. Esse “*dia*” (B/17), um outro marco de referência temporal relativo a uma dimensão referencial transposta, é descrito a partir de um momento de enunciação indefinido que tanto pode ser o presente (T0), como o presente (T2), facto este que não parece ter importância. O monólogo assume um carácter narrativo através do imperfeito que leva o leitor a participar no cenário do momento descrito (T3). A forma do presente em “*não sei*” (B/18) refere-se ao momento de enunciação (T0), a partir do qual o locutor realiza uma ancoragem para outras coordenadas da dimensão do passado (T3). E o presente actualiza esse momento, como se o locutor entrasse na fotografia e marcasse aí o momento de enunciação (T0) “*deve ser...*”, cuja localização de facto desconhece – “*quando foi?*” (B/22).

Esta marcação de um momento no passado e o regresso ao presente (T0) em “*há*”, “*ponho*”, assinala de novo a oposição entre passado e presente, que logo é anulada em “*Estou no Jardim Botânico*”, (B/29), “*há*”, “*está*”, “*há*”, “*há*”, “*há*”. Como se fosse localizado um ponto no passado e se entrasse nele, passando este a presente. O desenrolar dos acontecimentos é aqui apresentado num contínuo de espaços intermitentes que não acabam e se entrelaçam - as sensações que nasceram em cada um deles permanecem na extensão do presente. Mas o ímpeto das emoções mais fortes do “*instante incompreensível*” é posta em relevo através do pretérito (*houve, houve*) que se opõe ao imperfeito em “*íamos lado a lado*” (B/35), o pano de fundo de um momento feliz.

As transposições de planos que os tempos verbais operam e onde se ramificam podem representar-se através do seguinte esquema:

um dia no Jardim Botânico	(T3)
<hr/>	
um dia levei a fotografia a um fotógrafo	(T2)
<hr/>	
depois da conversa com a irmã de Oriana	(T1)
<hr/>	
“eu-aqui-agora”	(T0)
<hr/>	

Observando atentamente os enunciados descritos no imperfeito, verifica-se que há uma relação entre o conteúdo e o tempo verbal: “*Devia estar vento*”, “*e tudo isso florescia*”, “*um dia, era certo já Verão..*”. São acontecimentos ou cenas do passado que emocionaram o locutor que ele descreve, recordando-os. Não representaram um momento fugaz, mas um estado que paira numa dimensão espacial. Sabe-se que é no passado, mas não se sabe “*quando foi*” - foi “*um dia*”.

Este movimento de ancoragens reflecte o esforço de memória do locutor para ordenar e situar os acontecimentos num determinado momento do passado seguindo o tempo cronológico. Tudo parece confundir-se, estar presente e, de repente, distante e ausente. A utilização ora do presente, ora do imperfeito, ora do perfeito causa um efeito capaz de transmitir o seu estado emocional, a tentativa de vencer a distância que o separa do passado, enquadrando-o num determinado cenário para onde se transporta através do tempo verbal presente.

4. Imperfeito / Perfeito vs. Präteritum / Perfekt - uma análise contrastiva

Na tradução alemã constata-se a presença dominante de dois tempos, a saber, do “Präsens” e do “Präteritum”. O primeiro como tradução do presente português, o segundo como tradução do imperfeito e do perfeito. Sendo assim, o texto alemão não estabelece uma diferença entre a ênfase dada a processos no passado descritos no perfeito e a exposição de processos como fazendo parte de um cenário no imperfeito:

Eu morava nua ruela, a dos Penedos? que dava para o Largo da Sé Nova, ela morava na Rua do Norte - de que falámos? (B/46-48)

Ich wohnte in einem Gäßchen dos Penedos? das auf den Platz der Neuen Kathedrale führte, sie wohnte in der Rua do Norte - wovon sprachen wir wohl? (B/120-123)

Porém o recurso à partícula modal “*wohl*” permite uma marcação diferente deste verbo relativamente aos antecedentes, pois acrescenta à frase uma informação adicional sobre a atitude do falante, ou seja, mostra o esforço que ele faz para se recordar daquilo sobre que falaram.

Retomando uma passagem tratada no parágrafo antecedente, verifica-se uma oposição de planos conseguida através da utilização de presente / perfeito / imperfeito,

E há a minha vinda com ela para o mesmo sítio de irmos. E houve o instante incompreensível de sentirmos que íamos ao lado um do outro... (B/34-35)

em que *instante incompreensível* é posto em relevo, como se tivesse sido destacado do resto da *vinda com ela*. A tradução alemã não expressa este valor:

Und ich komme mit ihr zu dem gleichen Ort, von dem wir ausgegangen sind. Und es gab da einen unbegreiflichen Augenblick, an dem wir fühlten, daß wir einer neben dem anderen hergingen... (B/103-107)

O seguinte “*houve*” foi até mesmo traduzido por outra expressão que acentua ainda mais o valor imperfectivo do momento, ou seja, o recurso ao Präteritum e à partícula “*da*” (cf. Irmén, 1975: 73):

E houve o virmos um com o outro pela subida do castelo e o guincho dos eléctricos e a dissipação aérea da tarde (B/35-37)

Und da stiegen wir beide zur Burg empor, und die Straßenbahnen quietschten, und der Abend war lustig und aufgelöst.. (B/107-109)

Esta frase transmite a ideia de um movimento lento na subida sem fim para o castelo. Pelo contrário, no original, a autor evidencia a fugacidade dessa subida não só através do perfeito, como também de o “*virmos*”, que confere ao processo o carácter de acabado.

Em alguns casos a regra de traduzir o imperfeito e perfeito portugueses pelo Präteritum alemão na narrativa nem sempre foi considerada.

Guardo a fotografia, ela desapareceu na confusão das minhas recordações
(A/15-16)

*Ich verwahre das Foto, es ist in der Verwirrung meiner Erinnerungen
untergegangen... (A/87-88)*

Nesta passagem, o tradutor optou pela utilização do Perfekt para melhor expressar a completude, ou melhor, a perfectividade deste processo. No enunciado antecedente, a forma verbal no presente anularia a distância entre os planos (T0) e (T2). Mas logo a seguir o pretérito / Perfekt acentua a diferença de planos afastando as duas dimensões, pois o recurso a este tempo verbal transporta-nos automaticamente para uma perspectiva de enunciação de anterioridade, centrada no presente (T0). Este efeito não teria sido conseguido através da utilização do Präteritum. Casos idênticos verificam-se nos seguintes exemplos:

Estou no centro de tudo o que me comoveu (A/47-49)

Ich bin im Mittelpunkt von allem, was mich bewegt hat (A/118)

Nunca a amei assim (B/7)

Nie habe ich sie so geliebt (B/81)

O Perfekt cinge todo o passado num só ponto na perspectiva de anterioridade em relação ao momento presente (T0 ou T2). O recurso ao Präteritum implicaria uma perspectiva neutra em relação ao momento de enunciação T0, mantendo apenas uma relação com o momento de enunciação transposto T2.

A oscilação entre a sequência de factos passados (no perfeito) e a apresentação de planos para onde é transposto o discurso das personagens narradas (no imperfeito) não é transmitida na tradução pelo Präteritum, conferindo ao enunciado um carácter menos “vívido” (A/18-26; 90-100):

<i>tomei-a</i>	PPS	-	<i>ich nahm sie</i>	- PRÄT
<i>levei-a</i>	PPS	-	<i>ich brachte sie</i>	- PRÄT
<i>queria</i>	IMP	-	<i>ich wollte</i>	- PRÄT
<i>disse</i>	PPS	-	<i>sagte ich</i>	- PRÄT
<i>resmoneou</i>	PPS	-	<i>er murte</i>	- PRÄT
<i>havia .</i>	IMP	-	<i>er hatte</i>	- PRÄT
<i>insisti</i>	PPS	-	<i>beharrte ich</i>	- PRÄT
<i>fui buscar</i>	PPS	-	<i>holte ich</i>	- PRÄT

<i>paguei</i>	PPS	-	<i>ich bezahlte</i>	- PRÄT
<i>queria</i>	IMP	-	<i>der Mann wollte</i>	- PRÄT
<i>não deixei</i>	PPS	-	<i>ich ließ es nicht geschehen</i>	- PRÄT

Menciona ainda uma outra descrição no último parágrafo do texto:

Descia-se à direita, rente à Universidade, era uma rua íngreme...
(C/29-30)

O imperfeito descreve o pano de fundo desta dimensão. Um primeiro plano é marcado através do perfeito, algo que se desenrola nesse pano de fundo:

Eu demorei-me ainda lá fora... (C/31)

Esta distinção de planos não está expressa no tempo verbal da tradução:

Man ging rechter Hand hinunter, an der Universität entlang, die Straße war steil (C/101-102)

Ich verweilte noch draußen (C/103)

A partir do contexto pode-se visualizar a rua íngreme e o desenrolar dos acontecimentos; no entanto, devido ao uso do Präteritum, não se verifica o salto, tão nítido no português, entre a repetição de acções no passado, transmitida pelo imperfeito, e um momento desse plano do passado, criado pelo perfeito. Talvez estas diferenças ficassem mais nítidas através do emprego do advérbio “*immer*” na primeira frase:

Man ging immer rechter Hand hinunter, an der Universität entlang...

7. Conclusão

Verifica-se, pois, que não há uma correspondência de valores modais e aspectuais entre o imperfeito e o Präteritum, embora ambos sejam os tempos da modalidade narrativa. Para resolver problemas estilísticos de tradução será necessário recorrer, em alemão, a outros elementos, como por exemplo advérbios, partículas modais, verbos modais, verbos com outro valor aspectual e significado. Por outro lado, sempre que um Präteritum tem a função de encadear processos enquadrados no passado, poderá ser traduzido pelo perfeito. Deve-se contudo ter em conta que, numa tradução, é inevitável, por vezes, a perda de informação, sobretudo no que diz respeito ao valor aspectual dos estados de coisas descritos. Para resolver esses problemas, será necessário recorrer a meios alternativos capazes de compensar essas perdas como, por exemplo, advérbios, partículas modais, verbos modais e verbos com um valor aspectual idêntico.

Bibliografia

- BENVENISTE, Émile (1966) *Problèmes de Linguistique Générale*, I, Paris, Gallimard.
- (1976) *Problèmes de Linguistique Générale*, II, Paris, Gallimard.
- CUNHA, C./CINTRA, L.(1984) *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Lisboa, Edições João Sá da Costa.
- FONSECA, Fernanda Irene (1992) *Deixis, Tempo e Narração*. Porto, Fundação Engº António de Almeida.
- IRMEN, Freidrich (1975) "System, Norm und Stil und das Problem der Übersetzbarkeit", in: Wilss, W. (ed.), *IRAL-Sonderband: Übersetzungswissenschaft*. Band 1, 66-78.
- JAKOBSON, Roman (1963) *Essais de Linguistique Générale*. Paris, Les Éditions du Minuit.
- LE GOFFIC, Pierre (1986) *Points de vue sur l'imparfait*. Caen, Centre d'Études Linguistiques de l'Université de Caen.
- WEINRICH, Harald (1964/1973) *Le temps*. Paris, Seuil.
- (1993) *Textgrammatik der deutschen Sprache*. Mannheim, Duden Verlag.

CORPUS:

- Ferreira, Vergílio *Até ao Fim*. Lisboa, Bertrand, 1992/ 5^a ed.
- Ferreira, Vergílio *Bis zum Ende*. Aus dem Portugiesischen übersetzt von Georg Rudolf Lind. Zürich, Ammann, 1987.

Anexo

1 Quando foi? tenho uma vaga ideia. Um dia, no Jardim
2 Botânico, suponho que no jardim. É um grupo numa
3 escadaria. Reconheço-me também, creio que. A capa
4 traçada, mas não tenho a fotografia. Oriana ao meio,
5 quase de perfil. Devia estar vento, o cabelo longo
6 arrepiado, via-se-lhe a orelha. Ou seria o penteado
7 assim. E um ar de riso. Ah, o teu riso. Quantas vezes
8 depois. Porque eras tu tão alegre? Quantas vezes
9 depois. Eu olhava-te a todo o espaço mágico de outrora
10 subitamente aberto à minha imaginação. Quantas
11 vezes depois, eu ouvia as baladas desse tempo antigo
12 (...).

13
14 Guardo a fotografia, ela desapareceu na confusão das
15 minhas recordações. Até que um dia. Flora já traçara
16 uma cruz sobre a minha vida. E então, entre papéis
17 velhos, a fotografia. Tomei-a nas mãos e subitamente
18 todo o passado. Levei-a a um fotógrafo - ele que não.
19 Queria que me isolasse esta figura e a ampliasse. E ele
20 que não, pouco nítida, mesmo estalada em alguns
21 sítios. Mesmo assim, disse eu. (...) O homem
22 resmoneou, havia o seu brio profissional. Mesmo que
23 ficasse mal, insisti. E dias depois fui buscar. Paguei, o
24 homem queria mostrar-me que. Não dei xe - quanto é?

25
26
27
28
29 só quando já cá fora, devagar. Puxei a foto lentamente
30 do envelope e fulgurantemente. Oriana. A sem par. E o
31 seu riso ao alto como a manhã. E tudo isso florescia
32 absurdamente por sobre a amargura e a morte. Há
33 quarenta anos, talvez Oriana, o puro vazio da minha
34 excitação. Desfelta já no seu túmulo, outros mortos por
35 cima, o nada absoluto da minha ficção. E o meu
36 coração trémulo na súbita revelação de nada existir.

37
38
39
40 Guardei a fotografia e a excitação e a ternura diante de
41 uma irrealdade absurda, mais forte do que a solidez do
42 real. Cheguei a casa, ninguém, nem sequer a Tina
43 talvez já teria morrido? Não tenho as contas certas para
44 a cronologia, tenho-as só para a minha comoção. Estou
45 no centro de tudo o que me comoveu e esse tudo fica à
46 mesma distância de me comover. E logo que cheguei a
47 casa, de novo esse meu confronto com o fantástico da
48 fotografia. Tiro-o devagar do envelope e todo o espaço
49 em volta, Oriana ilumina-se do seu deslumbramento.
50 Sinto-me transtornado, (...)

51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74

75 Wann war das gewesen? Eines Tages im Botanischen
76 Garten, ja, ich glaube, es war im Garten, Eine Gruppe
77 stand auf einer Treppe. Ich erkenne auch mich wieder,
78 glaube das zumindest. Mit umgeschlagenem Umhang,
79 ich habe dieses Foto nicht. Oriana steht in der Mitte,
80 fast im Profil. Es war wohl windig, ihr langes Haar
81 flatterte, man sah ihr Ohr. Oder es lag an der Frisur.
82 Dazu ihre lachende Miene. Ach, dein Lachen. Wie
83 später oft. Ich betrachtete dich, und der ganze
84 magische Raum von einst lag plötzlich offen vor meiner
85 Einbildungskraft. Wie oft vernahm ich dann später die
86 Balladen aus dieser alten Zeit. (...)

87
88 Ich verwahre das Foto, es ist in der Verwirrung meiner
89 Erinnerungen untergangen. Bis eines Tages. Flora
90 hatte schon mit mir Schluß gemacht. Und da nun, unter
91 alten Papieren, die Fotografie. Ich nahm sie in den Hand
92 und plötzlich die ganze Vergangenheit. Ich brachte sie
93 zu einem Photographen - er lehnte ab. Ich wollte von ihm
94 diese eine Gestalt herausgehoben und vergrößert
95 haben. Und er immer: nein, zu unschaff, sogar an ein
96 paar Stellen aufgeplatzt. Dennoch, sagte ich. (...) Der
97 Mann murkte, er hatte seinen Berufsstolz. Auch wenn
98 nichts daraus werden sollte, beharrte ich. Tage darauf
99 holte ich sie ab. Ich bezahlte, der Mann wollte mir noch
100 zeigen, daß. Ich ließ es nicht geschehen. Was macht
101 das?

102
103 Erst als ich schon draußen war, langsam. Ich zog das
104 Foto langsam aus dem Umschlag und blitzartig.
105 Oriana. Die Unvergleichliche. Ihr Gelächter so hoch wie
106 der Morgen. Und all das blühte absurd auf, über
107 Bitternis und Tod hinweg. Vor vierzig Jahren vielleicht,
108 Oriana, im reinen Vakuum meiner Erregung. Schon
109 zerfallen in ihrem Grab, andere Tote darüber, meine
110 Fiktion ein absolutes Nichts. Und mein Herz erzitternd
111 bei der plötzlichen Offenbarung, daß nichts mehr
112 vorhanden ist.

113
114 Ich verwahre das Foto und (...) Ich kam nach Hause,
115 niemand, nicht einmal Tina, war sie etwa schon
116 verstorben? Ich habe keinen sicheren Anhalt für die
117 Zeitabfolge, ich habe ihn lediglich für meine Rührung.
118 Ich bin im Mittelpunkt von allem, was mich bewegt hat,
119 und dies alles verbleibt im gleichen Abstand zu meiner
120 Rührung. Und sobald ich nach Hause kam, begegnete
121 ich von neuem dem Fantastischen der Fotografie. Ich
122 ziehe sie langsam aus dem Umschlag, und der ganze
123 Raum um mich her, Oriana erhellt ihn mit ihrem
124 blendenden Licht. Ich bin ganz verstört,(..)

125
126
127
128
129
130
131
132
133
134
135
136
137
138
139
140
141
142
143
144
145
146
147
148

1 Esconde a fotografia ou fecho os olhos. E Oriana fica
2 ainda real no irreal da sua imagem. Vejo-a então em
3 alguns pontos da cidade, não muitos. E está imóvel na
4 seu passar. Transparente difusa. (...) Temo que ela se
5 volte e vá falar - e que é que irias dizer? O nosso
6 encontro é no eterno, meto de novo a fotografia no
7 envelope. Nunca a amei assim. No absoluto da
8 imaginação. No vazio da inexistência. (...) E a ternura
9 que me toma é tão. Ternura de nada. (...)

10

11

12

13

14

15

16 Um dia, era decerto já Verão, no Jardim Botânico, eu
17 devia já estudar para os exames. Não sei se foi essa a
18 primeira vez que lhe falei. Mas tudo exige que o fosse.
19 Deve ser Verão para haver espaço. Deve ser ao fim do
20 dia para haver paz. Deve ser no fim do ano para haver
21 melancolia no lembrar - quando foi?

22

23

24

25

26 Na minha vida há poucos factos importantes. A
27 importância ponho-lha eu com a intensidade de mim.
28 Estou no Jardim Botânico e há um grupo em que ela
29 está. E há um momento em que me junto ao grupo por
30 relação com alguém de lá. E há no desfazer do grupo à
31 hora de jantar. E há a minha vinda com ela para o
32 mesmo sítio de Irmos. E houve o instante
33 incompreensível de sentirmos que íamos ao lado um do
34 outro. Um salto "qualitativo". E houve o virmos um com
35 o outro pela subida do castelo e o guincho dos
36 eléctricos e a dissipação aérea da tarde. Mas seria
37 então que?

38

39

40 Vem-me o passado em imagens dispersas qual é? A
41 primeira. A decisiva. Não sei. Vou com Oriana pela
42 rampa do castelo. E dizemos coisas que não são as
43 que dizemos e que já não lembro. Ela ri. Ri sempre. A
44 vida atravessava-a e deixava-a da sua cor. Eu morava
45 numa ruela, a dos Penedos? que dava para o Largo da
46 Sé Nova, ela morava na Rua do Norte - de que
47 falámos?

48

49

50

51

52

53

54

55

56

57

58

59

60

61

62

63

64

65

66

67

68

69

70

71

72

73

74

75 Ich verstecke das Foto oder schließe die Augen. Und
76 Oriana bleibt immer noch verkocht um Unwirklichen
77 ihres Bildes. Ich erblicke sie nun an einigen Stellen der
78 Stadt, es sind nicht viele. Und sie schreitet regungslos
79 dahin. Durchsichtig, verschwommen. (...) Ich habe
80 Angst, sie könnte sich umdrehen, und zu sprechen
81 beginnen - und was würdest du ihr dann sagen?
82 Unsere Begegnung erfolgt um Bereich des Ewigen, ich
83 stecke das Foto wieder in den Umschlag. Nie habe ich
84 sie so geliebt. Im Absoluten der Einbildungskraft. Im
85 Vakuum des Nichtvorhandenseins. (...) So ist die
86 Zärtlichkeit, die mich ergreift. Zärtlichkeit wegen nichts
87 und wieder nichts.

88

89

90 Eines Tages, gewiß war es schon Sommer, im
91 Botanischen Garten. Ich arbeitete schon auf die
92 Examens hin. Ich weiß nicht, ob ich damals zum
93 erstenmal mit ihr sprach. Aber alles drängt darauf hin,
94 daß es so gewesen ist. Es muß Sommer sein, damit
95 alles weit ist. Es muß am Ende des Tages sein, damit
96 Friede herreicht. Es muß am Ende der Studienjahres
97 sein, damit Melancholie in der Erinnerung liegt - wann
98 war das?

99

100 In meinem Leben gibt es nur wenige wichtige
101 Geheimnisse. Die Wichtigkeit lege ich selbst hinein mit
102 einem intensiven Gefühl. Ich bin in Botanischen Garten
103 und dort steht eine Gruppe zur Abendessenszeit auf.
104 Und ich komme mit ihr zu dem gleichen Ort, von dem
105 wir ausgegangen sind. Und es gab da einen
106 unbegreiflichen Augenblick, an dem wir fühlten, daß wir
107 einer neben dem anderen hergingen. Einen
108 Qualitätssprung. Und da stiegen wir beide zur Burg
109 empor, und die Straßenbahnen quietschten, und der
110 Abend war lustig und aufgelöst. Aber war es wirklich
111 damals, daß?

112

113

114 Die Vergangenheit erscheint mir in zerstreuten Bildern,
115 welches ist es? Das erste. Das entscheidende. Ich
116 kann es nicht sagen. Ich steige mit Oriana über die
117 Rampe zur Burg empor. Und wir sagen Dinge, die nicht
118 das sind, was wir sagen, und an die ich mich nicht
119 mehr entsinnen kann. Sie lacht. Lacht immer. Das
120 Leben fährt durch sie hindurch und verleiht ihr seine
121 Farbe. Ich wohnte in einem Gäßchen, dos Penedos?,
122 das auf den Platz der Neuen Kathedrale führte, sie
123 wohnte in der Rua do Norte - wovon sprachen wir
124 wohl?

125

126

127

128

129

130

131

132

133

134

135

136

137

138

139

140

141

142

143

144

145

146

147

148

1 Mas nunca se fala do que se fala e disso é que eu sei
2 que se fala. Ela ia ao pé de mim e a certa altura reparou
3 que isso era enorme. Falávamos talvez dos professores
4 que era sempre o motivo mais viável para a nossa
5 alegria. Mas já no grupo - não se tinha falado?

6
7
8
9
10

11 Do Saias que era cirurgião e solteirão e se perfumava
12 como uma pega. Do Aloísio que era doido e médico de
13 doidos e se metia na cama com histéricas paralíticas
14 para elas saltarem fora e se porem a andar. Ou falava
15 eu dos meus. não sei. Depois chegámos à Rua larga e
16 eu disse vou consigo e ela não quis. Onde é que mora?
17 perguntou.

18
19
20

21 E eu disse. Não precisa de ir comigo, eu sei o caminho.
22 Mas não o sei eu, disse eu, e vou ter de o fazer muitas
23 vezes e ela riu-se - em que ano estávamo? Deve ser o
24 penúltimo ano de Oriana, vou ter um ano inteiro para
25 ser feliz.

26
27

28 Descia-se à direita, rente à Universidade, era uma rua
29 ingreme, a casa de Oriana dobrava a esquina com a
30 rua. Eu demorei-me ainda cá fora, junto à Sé, Oriana
31 podia talvez ainda aparecer a uma janela. Posso vê-la
32 amanhã? Oh, que coisa, disse ela. Posso? Você sabe
33 se estou comprometida? Posso? Tenho de ir estudar
34 com os meus colegas para o Botânico. Demoro-me um
35 pouco ainda, junto à Sé, olho ao alto - se te visse
36 ainda? Mas ela não apareceu. Pombos arrulhavam nos
37 frisos da Sé. E havia o eco de uma balada pelo ar.

38
39
40
41
42
43
44

45
46
47
48
49
50
51
52
53
54
55
56
57
58
59
60
61
62
63
64
65
66
67
68
69
70
71
72
73
74

75 Man spricht ja nie von dem, wovon man spricht, und
76 davon eben, weiß ich, spricht man. Sie ging neben mir
77 und in einem bestimmten Augenblick bemerkte ich, daß
78 das wonderbar war. Wir redeten vielleicht über die
79 Professoren, das war immer der brauchbarste Anlaß
80 für unsere Heiterkeit. Schon in der Gruppe - hatten wir
81 nicht von ihnen geredet?

82
83
84

85 Von Saias, der Chirurg war und Junggeselle und sich
86 wie eine Nutte parfümierte. Von Aloísio, der verrückt
87 war und Irrenarzt und zu hysterischen Paralytikerinnen
88 ins Bett ging, damit sie aufsprangen und zu gehen
89 anfingen. Oder ich sprach von meinem Lehrern, ich
90 weiß es nicht mehr. Dann gelangten wir zur Rua Larga
91 und ich sagte, ich gehe mit Ihnen mit, und sie wollte
92 nicht. Wo wohnen Sie? fragte sie.

93
94

95 Ich sagte es ihr. Sei brauchen nicht mit mir
96 mitzugehen, ich kenne den Weg. Aber ich kenne ihn
97 nicht, sagte ich, und ich werde ihn noch häufig gehen
98 müssen, und sie lachte - in welchem Studienjahr
99 standen wir damals? Es war wohl Orianas vorletztes
100 Jahr, vor mir liegt noch ein ganzes Jahr, um glücklich
101 zu sein.

102

103 Man ging rechter Hand hinunter, an der Universität
104 entlang, die Straße war steil, Orianas Haus lag an der
105 Straßenbiegung. Ich verweilte noch draußen neben der
106 Kathedrale, Oriana könnte ja vielleicht noch an einem
107 Fenster auftauchen. Kann ich Sie morgen sehen? O je,
108 sagte sie. Kann ich? Ich muß mit meinen Kollegen im
109 Botanischen Garten lernen. Ich verweile noch ein wenig
110 neben der Kathedrale, schaue nach oben - ob ich dich
111 noch zu Gesichte bekomme? Aber sie ließ sich nicht
112 sehen. Tauben gurrten in den Friesen der Kathedrale.
113 Und des Echo einer Ballade hing in der Luft.

114

115

116

117

118

